



POEMAS E CANÇÕES

VICENTE DE CARVALHO

(DA ACADEMIA BRASILEIRA)

POEMAS
E
CANÇÕES

QUINTA EDIÇÃO

MONTEIRO LOBATO & C. - EDITORES
RUA VICTORIA, 47 - S. PAULO - 1923

ANTES DOS VERSOS

PREFACIO DE

EUCLYDES DA CUNHA.

Aos que se surpreenderem de ver a proza do enjaneiro antes dos versos do poeta, direi que nem tudo é golpeantemente decizivo nesta profissão de numeros e diagramas. E' iluzorio o rigorismo matematico imposto pelo criterio vulgar ás formas irreductiveis da verdade. Baste atender-se em que o objetivo das nossas vistas teoricas está no descobrir uma simplicidade que não existe na natureza; e que desta nos abeiramos, sempre indecizos, já tacteantes, por meio de aproximações successivas, já precipitadamente, fascinados pela mirajem das hipóteses. A propria unidade das nossas mais abstratas construções é enganadora. Nos ultimos trinta anos — nesta matematica tão, ao parecer, definitiva — idearam-se não sei quantas aljebras, atravez de complicados simbolismos; e o numero de geometrias elementares, como nol-o mostra H. Poincaré, é hoje, logicamente, incalculavel. Ainda mais: na mesma geometria classica sabe-se como se definem pontos, retas e planos, que não existem ou se reduzem a conceitos pre-estabelecidos sobre que se formulam postulados arbitrarios. Continuando: vemos a mecanica bazear-se, paradoxalmente, no principio da inercia universal, e instituir a noção idealista do espaço absoluto, em contradição com tudo quanto vemos e sentimos.

Dest'arte se constróe uma natureza ideal sobre a natureza tanjivel. Ilude-se a nossa incompetencia para abranjer a simultaneidade do que aparece, por meio de

processos varios nos nomes pretenciosos, mas na essencia perfeitamente artisticos, porque consistem em exajerar os caracteres dominantes dos factos, de modo a facultar-nos uma sintheze, mostrando-nol-os menos como eles são do que como deveram ser. Assim nós vamos — idealizando, conjecturando, devaneando. Na astronomia resumem-se as leis conhecidas menos imperfeitas; no entanto á medida que ela encadeia os mundos, vai libertando-nos a imaginação. Os mais duros experimentadores sonham neste momento aos clarões indecizos das nebulozas, vendo abrir-se em cada estrela incandescente um vasto laboratorio onde trabalham os quimicos da terra descobrindo surpreendentes aspetos da materia... Prosequimos, idealizando flagrantemente a fizica, com a estrutura subjetiva de sólidos e fluidos perfeitos, e sistemas isolados, e até singularissimos fios inextensiveis, de todo em todo inezistentes; e romanceando a quimica definida pelo simbolismo imaginoso da arquitetura atomica de seus corpos simples, irreaes.

Até que na fizico-quimica, recém-instituida e já intensamente iluminada pela percepção tran-substancial dos raios X, admitamos todas as utopias do misticismo transcendental, dos alquimistas, e não nos maravilhemos de que os pensadores mais robustos estonteiem e delirem como fakirs esmaniados, vendo, improvizamente, resplandecer no radium a alma misteriosa da materia...

Assim nos andamos nós — do realismo para o sonho, e deste para aquele, na oscilação perpetua das duvidas, sem que se possa differençar na obscura zona neutral alongada á beira do desconhecido, o poeta que espiritualiza a realidade, do naturalista que tateia o misterio.

Apeamo-nos então, acobardados dessas presuntuozas cojitações. Encouchamo-nos, tímidos, no esconderijo de uma especialidade. Constringimos a alma. Moralizamos razamente a vida, evitando a grande embriaguez dionizica da Vida. Renuimos ás fantasias perigosas: utilitarizamo-

nos... E ao cabo de tamanho esforço, para decermos até ao fastígio do massiço senso comum conservador e timorato — vemos com espanto, que mesmo no terra á terra da atividade profissional, todas as asperezas das nossas formulas empiricas e os traços rigorosos dos tira-linhas ainda se nos sobrederam de um recalitrante idealismo.

No pedaço de carvão de pedra, que acendemos na fornalha de uma locomotiva, reascendemos muitos raios de sol estintos ha milenios. A locomotiva parte, e não concretiza apenas o mito poetico de Faetonte. O que mais nos encanta é a imagem fulgurante da Força renascendo e restaurando ao mesmo passo os esplendores de tantas auroras apagadas...

Pelas vigas metalicas de nossas pontes, friamente calculadas, estiram-se as “curvas dos momentos”, que nos embridam as frajilidades traiçoeiras do ferro. E ninguem as vê, porque são ideaes. Calculamol-as; medimol-as; dezenhamol-as — e não ezistem...

E assim por deante — indefinidamente, em tudo o que fazemos e em tudo o que pensamos, ainda, quando lançados na trilha heroica da profissão vamos pulsar no dezerto as dificuldades e os perigos... Porque quando nos vamos pelos sertões em fóra, num reconhecimento penozo, verificamos, encantados, que só podemos caminhar na terra como os sonhadores e os iluminados: olhos postos nos céos, contrafazendo a lira, que eles já não uzam, com o sestante, que nos transmite a harmonia silencioza das esferas, e seguindo no dezerto, como os poetas seguem na ezistencia

... a ouvir estrelas!

Vêde quanto é falso o prejuizo da esterilidade das couzas positivas. Em pleno criterio determinista somos talvez mais sonhadores do que nos tempos em que ao injenuo finalismo teolojico bastavam duas silabas para descrever as maravilhas da Creação. Numa intimidade

IV

mais profunda com o mundo exterior, a nossa idealização aumenta de um modo quazi mecanico. Estira-se-nos na visão deslumbrada. Alarga-se-nos nos novos quadros reveladores das imagens infinitas da natureza. E á medida que se nos torna mais claro o sentimento das enerjias creadoras que nos circulam, e vai eliminando-se do nosso espirito o velho espantallo da *discordia dos elementos*, de que tanto se apraziam os deuzes vagabundos, e nos sentimos mais equilibrados, mais fortes, mais solidarios com a harmonia natural — maior se torna a fonte inspiradora do nosso idealismo, fortalecido por impressões mais dignas da majestade da vida.

Se tivéssemos duvidas a este respeito, nol-as dissiparia o proprio espectáculo da ultima faze revolucionaria da poezia contemporanea, caracterizada pelo contraste entre a decadencia dos que a falseiam e a expansão crescente do sentimento estetico da humanidade. Realmente, o que se afigura a tantos profetas agourentos a morte proxima da poezia, é a demonstração *ad absurdum* da sua vitalidade mais ampla. Troca-se o efeito pela cauza. Nas varias escolas esporadicas — que vão do parnazianismo com a idiotice de seu culto fetichista da fórma, ao simbolismo, com a loucura de suas idéas ezajeradamente subjetivas — o que parece a decadencia da poezia é apenas o disequilibrio e as emoções falsificadas dos que não podem mais comprehendel-a na altitude a que chegou o nosso pensamento. Considerando-se, de relance, apenas um dos estremos dessa longa cadeia de ajitados — não seria dificil mostrar no desvio ideativo de Mallarmé, ou Verlaine, como 'outr'ora no satanismo de Baudelaire, os gritos desfalecidos de todos os fracos irritaveis, reconhecendo-se ínaptos para entenderem a vida numa quadra em que o progresso das sciencias naturaes, interpretadas pelo evolutionismo, reaje sobre tudo e tudo transfigura, desde a ordem politica, onde se instaura o predominio economico dos povos mais ativos, glorificados na inspiração pro-

dijiosa de Rudyard Kipling, até á fílozofia moral, onde se alevanta a aristocracia definitiva do homem forte, lo-brigado pela vizão estonteadora do genio de Frederico Nietzsche. Então veríamos, máo grado as blasfemias de tanto verso convulsivo, como um falso sceticismo pode significar a ultima tentativa da retrogada esplicação deista do universo. Os “poetas malditos”, que nos fazem rir com o truanesco de suas vizajens, são apenas ignorantes. A descrença nace-lhes da inviabilidade da crença. São almas velhas onde se acumulam as influencias ancestraes mantidas pela hereditariedade; e ainda quando se finjem de demonios ajitam-nos aos olhos o espetro da antiga fé agonizante. E falam-nos naturalmente numa lingua morta, de retardatarios, em estrofes onde os traços de dejene-renescencia rezultam sobretudo da incompatibilidade com os novos ideaes.

Baudelaire, entre os desconchavos de seu barbaro misticismo, teve, certa vez, um lance genial, ao definir-se

...un cimetière,

Oú, comme des remords, se traient des longs vers...

Simbolo perfeito dessas organizações retrogadas de *revenants*, a resuscitarem num periodo avantajado da ezis-tencia humana e para logo invadidos do desespero de já não sentirem o amparo das antigas verdades absolutas, que os alentavam outr’ora nos remotos tempos de onde saltam por atavismo — claudicantes no ritmo dos versos — para nos entristecerem com as suas queixas de almas doentes da nostalgia do sobrenatural. Porque o quadro que defrontam é outro. Encontram os céos mais azues, depois das induções de Tyndall; a terra mais vivaz, depois das generalizações de Lyell, evoluendo e transfigurando-se como um maravilhoso organismo. Para abarcar a vida, ou realizar a sintheze de seus aspetos, já não basta o estazis, ou a genuflexão admirativa, senão a solidariedade de suas:

VI

leis com a nossa harmonia moral, de modo que, submetidos á unidade do universo, sejamos cada vez mais a propria miniatura dele, e possamos traduzil-o sem falsifical-o, embora o envolvamos nos véus simbolicos da mais ardente fantazia. “Nesta altura todas as perspectivas particulares se fundem. O homem não é — isoladamente — artista, poeta, sabio ou filozofa. Deve ser de algum modo tudo isto a um tempo, porque a natureza é integra” (*)

A frase é de um naturalista. Mas vê-se que ela re-produz, hoje, transcorrido um seculo de atividade intelectual, quazi literalmente, o idealismo filozofico de Fichte. E' compreensivel. E dela se deduz que nessa aproximação crecente entre a realidade tanjivel e a fantazia creadora, o poeta, continuadamente mais proximo do pensador, vai cada vez mais refletindo no ritmo de seus versos a vibração da vida universal, cada vez mais fortalecido por um largo sentimento da natureza.

*

Ora, o que para logo se destaca nos “Poemas e Canções”, alentando o subjetivismo equilibrado de um verdadeiro poeta, é um grande sentimento da natureza. O amor, considera-o Vicente de Carvalho como ele é, pozitivamente: um caso particular da simpatia universal. E tal como nol-o apresenta

*...risonho e sem cuidados,
Muito de altivo, um tanto de insolente*

diz-nos bem que na sua forma comum, fziologica e rudimentar de um egoismo a dois, ele não lhe traduz uma condição primaria do sentimento, escravo de uma preo-

(*) P. Yan Thiezen — Le sentiment de la nature.

cupação morbida e humilhante, senão um belo pretexto para resumir num objecto, em harmonioso sincretismo, os atributos encantadores da vida. O poeta diviniza a mulher como o estatuario diviniza um pedaço de marmore: pela necessidade anciozissima de uma sintheze do maior numero possivel de belezas infinitas que lhe tumultuam em torno. Neste lance poderiamos aplicar-lhe a fraze pinturesca de Stanchwith: "Não podendo apertar a mão desse gigante que se chama Universo, nem dar um beijo apaixonado na Natureza, resume-os num exemplar da humanidade".

Por isto mesmo não se apouca limitando-se a essa redução graciosa. Para aformozear o seu simbolo, dá largas á expansão centrifuga da individualidade transbordante. E em tanta maneira se lhe impõem as escapadas para a amplitude do mundo objetivo, onde se lhe deparam as melhores imagens e as mais radiozas alegorias, que nos diz em alexandrinos correntios o que hoje lemos em pajinas austeras de gravissimos psicofiziolojistas, quando attribue todo o seu culto

A' doce Religião da Natureza amiga,

a uma alma remota que as enerjias profundas do atavismo lhe despertam predispondo-o ao nomadismo aventureiro de algum avô selvajem

*Algum bugre feroz, cujo corpo bronzeado
Mantinha a liberdade inata da nudez.*

Ao contrario eu penso que alma antiga não sentiria esta atração da grande natureza, que domina a poesia moderna. Entre a concepção estreitamente classica da vida rustica, das *Georgicas*, e o nosso esplendido lirismo naturalista ha diferenças tão flagrantes que fôra inutil indicalas. O movimento atual para os grandes quadros objetivos, á parte outras cauzas mais profundas, desponta-nos como

VIII

uma reação do nosso sentimento, a crescer, paralelamente, com o proprio rigorismo pratico da vida. Esse fugir ao racionalismo seco das cidades, que até geometricamente se nos dezenha nas ruas retangulares, nos quadrados das praças, nos angulos diedros das esquinas, nas piramides dos tetos, nos poliedros das cazas, nos paralelipipedos dos calçamentos e nas elipses dos canteiros, onde é tudo claro, matematico, compreensivel, e as inteligencias se nivelam na evidencia de tudo, e as vistas se fatigam na repetição das formas e das côres, e os ouvidos se fatigam no martelar monotono dos sons, e a alma se fatiga na invariabilidade das impressões e dos motivos — vai-se tornando a mais e mais imperiozo, á medida que a civilização progride. O povo mais pratico e mais lucido do mundo, é o que por ele mais irradia á caça do pinturesco. Não ha neste momento em Chamonix ou num rincão qualquer da Africa Central, nenhuma pajina vigorosa da natureza onde se não veja, rijamente impertigado, um ponto de admiração: o inglez!

Além disto, só o pensamento atual pode animar a alma misterioza das couzas, num consorcio que é a definição da verdadeira arte. O nosso selvajem

*Que dormia tranquilo um sono descuidado,
Passivo, indifferente, enfarado talvez,
Sob o misterio azul do céu todo estrelado*

passaria mil anos sobre a Serra do Mar

*Negra, imensa, disforme,
Enegrecendo a noite...*

indifferente e inutil.

Para nol-a definir, e nol-a ajitar sem abandonar a realidade, mostrando-nol-a vivamente monstrozoa, a arrepiar-se, a torcer-se nas anticlinaes, encolhendo-se nos

vales, tombando nos grotões, ou escalando as alturas nos arrancos dos pinaros arremessados, requer-se a intuição superior de uma poeta capaz de ampliar, sem a deformar, uma verdade rijamente geológica, refletindo num minuto a marcha milenária das causas geotônicas que a explicam. Vemol-a na escultura destes versos.

*Na sombra em confusão do mato farfalhante
Tumultuando, o chão corre ás soltas, sem rumo.
Trepa agora alcantis por escarpas a prumo,
Erriça-se em calhaus, bruscos como arrepios;
Mais repousado, além, levemente se enruga
Na crespa ondulação de comoros macios;
Resvala num declive; e logo, como em fuga
Precipite, atravez da escuridão noturna,
Despenha-se de chofre ao vacuo de uma furna.
Do fundo dos grotões outra vez se subleva.
Surje, recai, resurje... E, assim, como em torrente,
Furiosa, em convulsões, vai rolando na treva
Despedaçadamente e indefinidamente.*

E' a realidade maior — vibrando numa emoção. Este chão que tumultua, e corre, e foje, e se crispa, e cai, e se alevanta, é o mesmo chão que o geologo denomina "solo perturbado" e inspira á raza, á modesta, á chanissima topografia, a metáfora garboza dos "movimentos do terreno".

A mesma harmonia de sua vizão interior com o mundo estérno rebrilha, quando o poeta observa que o mar

*...brutal e impuro,
Branco de espuma, ébrio de amor,
Tenta despir o seio duro
E virjinal da terra em flôr.*

*Debalde a terra em flôr, com o fito
De lhe escapar, se esconde, e aneia
Atraz de comoros de areia
E de penhascos de granito.*

*No encaço dessa esquiwa amante
Que se lhe furta, segue o mar;
Segue, e as maretas solta adeante
Como matilha, a farejar.*

*E, achado o rastro, vai com as suas
Ondas e a sua espumarada
Lamber, na terra devastada,
Barrancos nús e rochas nús...*

Idealização... Mas, evidentemente quem quer que se alarme ante este mar preseguidor e esta terra profuga, riscará os melhores capitulos da geolojia dinamica. E os que fecharem as vistas á esplendida imajem daquela matilha de maretas, certo, não poderão contemplar a “artilharia” de seixos e graieiros, do illustre Playfair, a bombardear arribas, desmontando-as, disjunjindo-as, solapando-as, derruindo-as, e esfarelando-as — seguida logo da “cavalaria das vagas” de Granville Colle, a curvetear nos rôlos das ondulações banzeiras, a empinar-se nas ondas desbridadas, a entrechocar-se nas arrebentações, a torvelinhar no entrevero dos redomoinhos; e de subito disparando — longos penachos brancos dos elmos rebrilhantes destendidos na diluição das espumas — numa carga, em linha, violentissima, sobre os litoraes desmantelados; de modo que o litoral desmantelado se nos apresente

Like a regiment overwhelmed by cavalry ()*

(*) Granville Colle - Geology out-of-door.

Considerai: esta frase, que se desentranha da arida proza de um livro didatico, resôa, refulje, canta. E' um verso. Prende o sonhador e o cientista deante da idealizaçãõ tanjivel de um espressivo gesto da natureza.

Mais lonje, quando o poeta escuta a grande voz do mar, "quebrada de onda em onda", fazendo á lua uma declaração de amôr, que seria apenas um ridiculo ezajero panteista, se não fosse um pouco desse infinito amor que se chama gravitaçãõ universal; quando o mar exclama:

*Lua! Eu sou a paixão, eu sou a vida, eu te amo!
 Paira, lonje, no céu, desdenhosa rainha...
 Que importa? O tempo é vasto, e tu, bem que eu reclamo,
 Um dia serás minha...*

.

*Ha mil anos que vivo a terra suprimindo.
 Hei de romper-lhe a crosta e cavar-lhe as entranhas,
 Dentro de vagalhões penhascos submerjindo,
 Submerjindo montanhas...*

esta voz monstruosamente romantica, do mar, é a mesma voz de Geike, ou de Lapparent, e diz uma alta verdade de sciencia, deante do agente fisico cujo destino lojico, pelo curso indefinido dos tempos, é o nivelamento da terra.

Tambem ao descrever-nos um recanto labirintico de nossas matas:

*Cem especies formando a trama de uma sebe,
 Atulhando o desvão de dous troncos; a plebe
 Da floresta, oprimida e em perpetuo levante,*

e mostrando-nos que

*Acesa num furor de seiva transbordante
 Toda essa multidãõ desgrenhada — fundida
 Como a conflagraçãõ de cem tribus selvajens
 Em batalha — a ajitar cem fórmãs de folhagens
 Disputa-se o ar, o chão, o orvalho, o espaço, a vida,*

XII

e atentando-se no quanto á pletora tropical, ou uma sorte de conjestão da seiva, alenta e ao mesmo passo sacrifica em nossa terra o desenvolvimento vejetativo, creando-se o tremendo paradoxo da floresta que mata a arvore, ou redu-l-a ao arbusculo que foge á compressão dos troncos escapando-se na distênção esquivada do cipó, a desfibrar-se e a estirar-se, angustiozamente, na procura anciosissima da luz — avalia-se bem o brilho daquela sintheze comovente embora seja ella rigorozamente positiva em todos os elementos de sua estrutura artistica.

Digamos, porém, desde logo, que em todo este lucido panteismo não são a floresta e a montanha que mais atraem o poeta. E' o mar. A Vicente de Carvalho não lhe basta o pintar-nos

*O mar, pagão creado ás soltas
Na solidão, e cuja vida
Corre ajitada, e desabrida,
Em turbilhões de ondas revoltas...*

ou quando elle, tempesteiando,

*A uivar, a uivar dentro da sombra
Nas fundas noutes de procela*

braceja com os ventos desabalados, e, recebendo de instante em instante

a cutilada de um corisco,

rebel-a-se, e

*impando de ouzadia
Pragueja, insulta, desafia
O céu, cuspindo-lhe a salsujem...*

Apraz-se antes de nol-o mostrar nas “Sujestões do Crepusculo”, com a melancolia soberana que por vezes o invade e lhe torna mais compreensível a grandeza, no vasto nivelamento das grandes águas tranquilas, onde se nos dilata de algum modo a impressão visual da impressão interior e vaga do Infinito...

Porque

*Ao pôr do sol, pela tristeza
Da meia luz crepuscular,
Tem a toada de uma reza
A voz do mar.*

*Aumenta, alastra e dece pelas
Rampas dos morros, pouco a pouco,
O ermo de sombra, vago e oco,
Do céu sem sol e sem estrelas.*

*Tudo amortece, e a tudo invade
Uma fadiga, um desconforto,
Como a infeliz serenidade
Do embaciado olhar de um morto.*

*Domado então por um instante
Da singular melancolia
De emtorno, apenas balbucia
A voz piedosa do gigante.*

*Toda se abranda a vaga hirsuta,
Toda se humilha, a murmurar...
Que pede ao céu que não a escuta
A voz do mar?*

*Escutem bem... Quando entardece,
Na meia luz crepuscular,
Tem a toada de uma prece
A voz tristíssima do mar...*

XIV

Fôra impossível citar tudo prolongando a tortura do contraste entre estas frases duras e a flexibilidade desses versos, nos quaes o metro parece nacer ao compasso da sistole e da diastole do coração de quem os recita.

Alem disto, alguns deles, mercê da unidade perfeita, não se podem mutilar em estratos. Nas "Palavras ao Mar", aquela identidade, anteriormente aludida, da nossa harmonia moral com a do Universo, refulje num dos mais breves e maiores poemas que ainda se escreveram na lingua portugueza, para se definir o perpétuo anseio do ideal deante das majias crescentes da existencia.

Em "Fujindo ao Captiveiro" — epopéa que se lê num quarto d'hora — a mesma estrutura inteiriça torna inviolavel a concepção artistica.

Digamos, entretanto, de passagem, que aquela miniatura shakspeareana da ultima faze da escravidão em nosso paiz, absolverá completamente, deante da posteridade, a nossa geração, das culpas ou pecados que acazo lhe adviriam de uma dolorosa fatalidade social. Ver-se-á, pelo menos, que as emoções esteticas, tão essenciaes a todas as transformações verdadeiramente politicas, não as fomos buscar somente, já elaboradas, na alma da geração anterior, decorando, e recitando exaustivamente, as estrofes eternas das "Vozes d'Africa" e do "Navio Negreiro". Sentimol-as, bem nossas, a irromperem dos quadros envolventes. A' imensa desventura do africano abatido pelo traficante, contrapuzemos a rebentina do crioulo revoltado. Vicente de Carvalho agarrou, num lance magnifico, a unica situação heroica e fugaz — durando o que durou o relampago da fouce coruscante brandida por um hercules negro — de uma raça humilhada e sucumbida.

E ainda nesse trecho, com a amplitude e o desafogo da sua visão admiravel, associou ao dramatico itinerario do exodo da turba miseranda e divinizada pelo sonho de liberdade, a natureza inteira — do oceano longinquo, apenas adivinhado dos pinaros da serra, a montanha abrupta

abrolhando em estrepes e calhaus, ás colinas que se idealizam azulando-se com as distancias, e á floresta, referta de rumores e gorjeios, onde

*Os velhos troncos, placidos ermitas,
Os propios troncos velhos, remoçados,
Riem no riso em flôr das parasitas*

...imajem encantadora na sua bellissima simplicidade, que se emparelha com as mais radiozas enjehadas por toda a poezia humana.

*

Quero cerrar com ela todos os conceitos vacilantemente espostos,

Que outros definam o lirico gentilissimo da "*Rosa, rosa de amor*", a inspiração piedosa e casta do "*Pequenino Morto*", ou os sonetos, onde tão antigos temas se remoçam.

De mim, satisfaço-me com haver tentado definir o grande poeta naturalista, que nobilita o meu tempo e a minha terra.

EUCLYDES DA CUNHA

Rio — 30 de Setembro de 1908.

POEMAS E CANÇÕES

“...só deles fio a minha sobrevivencia espiritual, eu, pobre poeta desherdado da esperança numa outra vida, e que tem por suprema ambição do seu egoísmo, não um grande logar na terra, mas um pequenino recanto na simpatia mais ou menos duradoura de algumas almas...”

V. de C. *“Uma candidatura”*

“...só explica tão forte empenho posto em granjear tão modesto resultado, como é um livro de versos, aquele fortissimo instinto, profundamente humano, que se rebela contra a morte, sonhando, para depois dela, uma continuação, ainda que modificada, da vida. A ambição de deixar a sua alma ecoando sonoramente em outras almas, através do tempo, é, sem duvida, o incentivo dos poetas, e a ilusão de quasi todos eles... Que recompensa melhor promete alguma religião aos que estimula na incerta e penosa conquista do Céu ?”

V. de C. *“Um poeta”*

VELHO TEMA

I

Só a leve esperança, em toda a vida,
Disfarça a pena de viver, mais nada;
Nem é mais a existencia, resumida,
Que uma grande esperança malograda.

O eterno sonho da alma desterrada,
Sonho que a traz anciosa e embevecida,
E' uma hora feliz, sempre adiada
E que não chega nunca em toda a vida.

Essa felicidade que supomos,
Arvore milagrosa, que sonhamos
Toda arreada de dourados pomos,

Existe, sim: mas nós não a alcançamos
Porque está sempre apenas onde a pomos
E nunca a pomos onde nós estamos.

II

Eu cantarei de amor tão fortemente
Com tal celeuma e com tamanhos brados
Que afinal teus ouvidos, dominados,
Hão de á força escutar quanto eu sustente.

Quero que meu amor se te apresente
— Não andrajoso e mendigando agrados,
Mas tal como é: — risonho e sem cuidados,
Muito de altivo, um tanto de insolente.

Nem ele mais a desejar se atreve
Do que merece: eu te amo, e o meu desejo
Apenas cobra um bem que se me deve.

Clamo, e não gemo; avanço, e não rastejo;
E vou de olhos enxutos e alma leve
A' galharda conquista do teu beijo.

III

Belas, airosas, palidas, altivas,
Como tu mesma, outras mulheres vejo:
São rainhas, e segue-as num cortejo
Estensa multidão de almas cativas.

Têm a alvura do marmore; lascivas
Fórmãs; os lábios feitos para o beijo;
E indiferente e desdenhoso as vejo
Belas, airosas, palidas, altivas...

Porque? Porque lhes falta a todas elas,
Mesmo ás que são mais puras e mais belas,
Um detalhe sutil, um quazi nada:

Falta-lhes a paixão que em mim te ezalta,
E entre os encantos de que brilham, falta
O vago encanto da mulher amada.

IV

Eu não espero o bem que mais desejo:
Sou condenado, e disso convencido;
Vossas palavras, com que sou punido,
São penas e verdades de sobejo.

O que dizeis é mal muito sabido,
Pois nem se esconde nem procura ensejo,
E anda á vista naquilo que mais vejo:
Em vosso olhar, severo ou distraido.

Tudo quanto afirmais eu mesmo alego:
Ao meu amor desamparado e triste
Toda a esperança de alcançar-vos nego.

Digo-lhe quanto sei, mas ele insiste;
Conto-lhe o mal que vejo, e ele, que é cego,
Põe-se a sonhar o bem que não eziste.

V

“Alma serena e casta, que eu persigo
Com o meu sonho de amor e de pecado,
Abençoado seja, abençoado
O rigor que te salva e é meu castigo.

Assim desvies sempre do meu lado
Os teus olhos; nem ouças o que eu digo;
E assim possa morrer, morrer comigo,
Este amor criminoso e condemnado.

Sê sempre pura! Eu com denodo enjeito
Uma ventura obtida com teu dano,
Bem meu que de teus males fôsse feito”.

Assim penso, assim quero, assim me engano..
Como si não sentisse que em meu peito
Pulsa o covarde coração humano.

VI

“Lembra”! diz-me o passado: “Eu sou a aurora
E a primavera, o olhar que se enamora
De quanto vê pelo caminho em flôr;
Para o teu coração cançado e triste
E’ recordar-me — o unico bem que eziste...
Eu sou a mocidade, eu sou o amor”.

“Vive”! diz-me o presente. “Alma suicida,
Louca, não peças á arvore da vida
Mais que os amargos frutos que ela tem;
Deixa a saudade e foje da esperança,
Faze do pouco que teu braço alcança
O teu mesquinho, o teu unico bem.”

“Sonha”! diz-me o futuro: “O sonho é tudo,
Eu sobre as tuas palpebras sacudo

A poeira da iluzão!... sonha, e bemdiz!
Eu sou o unico bem porque te engano,
E o desgraçado coração humano
Só com o que não possui é que é feliz”.

Eu ouço os trez, e calo-me: desisto
De quanto me prometem, porque nisto
Todos se enganam, todos, menos eu:
Beijo dos labios da mulher amada,
O unico bem és tu! Nem ha mais nada...
E tu és de outro, e nunca serás meu!

MENINA E MOÇA

Tu, que és quasi uma criança,
E que enlevada sorris
A' tentadora esperança
De ser amada, e feliz;

Sê formosa; entre as formosas
Reina e brilha, si puderes:
Que a beleza nas mulheres
E' como o viço nas rosas.

Sendo bonita e mais nada
Cumpre a mulher com fulgor
Sobre a terra iluminada
O seu destino de flor.

Sê bondosa; entre as melhores
Sê a melhor, si puderes:
Que a bondade nas mulheres
E' como o aroma nas flores.

Meiga, formosa, querida,
Ama e sê amada: o amor
Na areia solta da vida
Brota roseiras em flor.

Serás feliz? Ai, não queiras
Ser feliz: ás mais ditosas
Brotam maguas entre as rosas
Como espinhos nas roseiras...

Tu, que és quazi uma criança
E acreditas quanto diz
A enganadora esperança
De ser amada e feliz,

Sê resignada: a roseira
Que mais viça e mais prospera
Dá rosas na primavera
E espinhos a vida inteira...

PEQUENINO MORTO

Tanje o sino, tanje, numa voz de choro,
Nuna voz de choro... tão desconsolado...
No caixão dourado, como em berço de ouro,
Pequenino, levam-te dormindo... Acorda!
Olha que te levam para o mesmo lado
De onde o sino tanje numa voz de choro...

Pequenino, acorda!

Como o sono apaga o teu olhar inerte
Sob a luz da tarde tão macia e grata!
Pequenino, é pena que não possas vêr-te...
Como vais bonito, de vestido novo
Todo azul celeste com debruns de prata!
Pequenino, acorda! E gostarás de vêr-te

De vestido novo.

Como aquela imajem de Jesus, tão lindo,
Que até vai levado em cima dos andores
Sobre a fronte loura um resplendor fuljindo,
— Com a grinalda feita de botões de rosas
Trazes na cabeça um resplendor de flôres...
Pequenino, acorda! E te acharás tão lindo
Florecido em rosas!

Tanje o sino, tanje, numa voz de chôro,
Numa voz de chôro... tão desconsolado...
No caixão dourado, como em berço de ouro,
Pequenino levam-te dormindo... Acorda!
Olha que te levam para o mesmo lado
De onde o sino tanje numa voz de chôro...
Pequenino, acorda!

Que caminho triste, e que viagem! Alas
De ciprestes negros a gemer no vento;
Tanta boca aberta de famintas valas
A pedir que as fartem, a esperar que as encham...
Pequenino, acorda! Recupera o alento,
Foje da cobiça dessas fundas valas
A pedir que as encham.

Vai chegando a hora, vai chegando a hora
Em que a mãe ao seio chama o filho... A espaços,
Badalando, o sino diz adeus, e chora
Na melancolia do cair da noite;
Por aqui, só cruces com seus magros braços
Que jámais se fecham, hirtos sempre... E' a hora
Do cair da noite...

Pela Ave Maria, como procuravas
Tua mãe!... Num éco de sua voz piedosa,
Que suaves cousas que tu murmuravas,
De mãosinhas postas, a rezar com ela...
Pequenino, em casa, tua mãe saudosa
Reza a sós... E' a hora quando a procuravas...
Vae rezar com ela!

E depois... teu quarto era tão lindo! Havia
Na janela jarras onde abriam rosas;
E no meio a cama, toda alvor, macia,
De lenções de linho no colxão de penas.
Que acordar alegre nas manhãs cheirosas!
Que dormir suave, pela noite fria,
No colxão de penas...

Tanje o sino, tanje, numa voz de choro,
Nuna voz de choro... tão desconsolado...
No caixão dourado, como em berço de ouro,
Pequenino, levam-te dormindo... Acorda!
Olha que te levam para o mesmo lado
De onde o sino tanje numa voz de choro...
Pequenino, acorda!

Porque estacam todos dessa côva á beira?
Que é que diz o padre numa língua estranha?
Porque assim te entregam a essa mão grosseira
Que te agarra e leva para a côva funda?
Porque assim cada homem um punhado apanha
De caliça, e espalha-a, debruçado á beira
Dessa côva funda?

Vais ficar sósinho no caixão fechado...
Não será bastante para que te guarde?
Para que essa terra que jazia ao lado
Pouco a pouco róla, vai desmoronando?
Pequenino, acorda! — Pequenino!... E' tarde...
Sobre ti cáí todo esse montão que ao lado
Vai desmoronando...

Eis fechada a cóva. Lá ficaste... A enorme
Noute sem aurora todo amortalhou-te.
Nem caminho deixam para quem lá dorme,
Para quem lá fica e que não volta nunca...
Tão sósinho sempre por tamanha noute!...
Pequenino, dorme! Pequenino dorme...

Nem acordes nunca!

A INVENÇÃO DO DIABO

Deus, entregando ao Diabo a metade do mundo
Deu-lhe a parte peor, como era de razão :
E, para arrecadar seu patrimonio, o Imundo
Foi forçado a varrer todo o cisco do chão.

Tomando para si todo o imenso tezouro
Da Bondade e da Luz, do Amor e da Harmonia,
Póde o Senhor fazer esbanjamentos de ouro
Nas estrelas da noute e no esplendor do dia.

Póde esparzir na areia as perolas do orvalho,
Marchetar de rubis a aza de um beijaflor,
Fazer a primavera — e pôr em cada galho
O gorgeio de uma ave e o rizo de uma flôr...

A Satanaz, porém, coube em partilha a treva,
O odio como prazer, como covil um poço;
E ele lá no seu reino escuro a vida leva
De um cão magro a que dão muita pancada e um osso.

E, enquanto a mão de Deus, abrindo-se, semeia
Astros de ouro no céu, messes de ouro no pó,
Satanaz, furioso, a mão sacode, cheia
De lepra e maldição como o punho de Job.

Só uma vez Satan respirou satisfeito,
E arregaçou-lhe o beijo um perfido sorriso,
Quando, acaso, ao sair do seu covil estreito,
De repente se achou dentro do Paraizo.

A primeira impressão que teve foi de inveja:
Daquela estranho quadro o imprevisto esplendor
Só lhe pôde arrancar á boca malfazeja
Uivos de cão ferido, imprecações de dôr.

Mas de repente, como o corisco clareia
O tenebroso céu nas borrascas de Agosto,
Uma ideia triunfante, uma sinistra ideia
Fuzilou-lhe no olhar e iluminou-lhe o rosto.

Sobre um macio chão todo em musgos e rosas,
Eva, formosa e nua, adormecera ao luar:
E sobre a alva nudez dessas fórmas graciosas
Satan deixou cair um desdenhoso olhar...

Mas num sonho talvez de cousas ignoradas,
Num desejo sem alvo, imperfeito e indeciso,
Eva os labios abriu — e abriram-se, orvalhadas
De um suspiro de amor, as rosas de um sorriso.

Espantado, Satan viu que esse marmore era
Animado e gentil, ardente e encantador;
Como um resumo viu de toda a primavera
Na frescura sem par daquela boca em flôr.

E foi sómente então que o Principe da Treva
Imajinou o Amor furioso e desgrenhado,
E resolveu fazer dos roseos labios de Eva
O cálix consagrado ás missas do Pecado.

Labios feitos de mel, de rosas ao sereno,
De céu do amanhecer franjado em rosicler...
Entreabriu-os Satan; e enchendo-os de veneno,
Sorriu. Tinha inventado o beijo da mulher.

SUJESTÕES DO CREPUSCULO

I

Ao pôr do sol, pela tristeza
Da meia luz crepuscular,
Tem a toada de uma reza
A voz do mar.

Aumenta, alastra e déce pelas
Rampas dos morros, pouco a pouco,
O ermo de sombra, vago e ôco,
Do céu sem sol e sem estrelas.

Tudo amortece; a tudo invade
Uma fadiga, um desconforto...
Como a infeliz serenidade
Do embaciado olhar de um morto.

Domada então por um instante
Da singular melancolia
De emtorno — apenas balbucia
A voz piedosa do gigante.

Toda se abranda a vaga hirsuta,
Toda se humilha, a murmurar...
Que pede ao céu que não a escuta
A voz do mar?

II

Estranha voz, estranha prece
Aquele prece e aquela voz,
Cujas humildades nem parece
Provir do mar bruto e feroz;

Do mar, pagão creado ás soltas
Na solidão, e cuja vida
Corre, ajitada e desabrida,
Em turbilhões de ondas revoltas;

Cuja ternura assustadora
Agride a tudo que ama e quer,
E vai, nas praias onde estoura,
Tanto beijar como morder...

Torvo gigante repellido
Numa paixão lasciva e louca,
E' todo furia: em sua boca
Blasfema a dôr, móra o rujido.

Sonha a nudez: brutal e impuro,
Branco de espuma, ébrio de amor,
Tenta despir o seio duro
E virjinal da terra em flor.

Debalde a terra em flor, com o fito
De lhe escapar, se esconde — e aneia
Atraz de cômoros de areia
E de penhascos de granito:

No encalço dessa esquiva amante
Que se lhe furta, segue o mar;
Segue, e as maretas sólta adeante
Como matilha, a farejar.

E, achado o rastro, vai com as suas
Ondas e a sua espumarada
Lamber, na terra devastada,
Barrancos nus e rochas nuas...

III

Mais formidavel se revela,
E mais ameaça, e mais assombra
A uivar, a uivar dentro da sombra
Nas fundas noutes de procela.

Tremendo e proximo se escuta
Varrendo a noute, enchendo o ar,
Como o fragor de uma disputa
Entre o tufão, o céu e o mar.

Em cada rispida rajada
O vento agride o mar sanhudo:
Roça-lhe a face, com o agudo
Sibilo de uma chicotada.

De entre a çeleuma, um estampido
Avulta e estoura, alto e maior,
Quando, tirano enfurecido,
Troveja o céu ameaçador.

De quando em quando, um tenue risco
De chama vem, da sombra em meio...
E o mar recebe em pleno seio
A cutilada de um corisco.

Mas a batalha é sua, vence-a:
Cança-se o vento, afrouxa... e assim
Como uma vaga sonolencia
O luar invade o céu sem fim...

Donas do campo, as ondas rujem;
E o monstro impando de ousadia,
Pragueja, insulta, desafia
O céu, cuspindo-lhe a salsujem.

IV

A alma raivosa e libertina
Desse tenaz batalhador
Que faz do escombros e da ruina
Como os troféus do seu amor;

A alma rebelde e mal composta
Desse pagão e desse ateu
Que retalia e dá resposta
A' mesma colera do céu;

A alma arrogante, a alma bravia
Do mar, que vive a combater,
Comove-se á melancolia
Conventual do entardecer...

No seu clamor esmorecido
Vibra, indistinta e espiritual,
Alguma couza do gemido
De um orgam numa catedral.

E pelas praias aonde decem
Do firmamento — a sombra e a paz;
E pelas varzeas que emudecem
Com os derradeiros sabiás;

Ouvem os ermos espantados
Do mar contrito no clamor
A confidencia dos pecados
Daquele eterno pecador.

*

Escutem bem... Quando entardece,
Na meia luz crepuscular
Tem a toada de uma prece
A voz tristissima do mar...

FRAGMENTOS
DA
“ARTE DE AMAR”

I

Dizer mal das mulheres é costume
De todo o amante que não foi feliz:
Um coitado mordido do ciúme
 Tudo maldiz, e se maldiz...
Pois confesso que nisso se resume
 O que fui, o que fiz.

Julguei mal da que adoro e que me adora;
E as mulheres, por perfidas e vis,
A todas condenei de foz em fóra...
 Fui infeliz... Sou infeliz
Pois com remorso reconheço agora
 O que fui, o que fiz.

Quem se acredita amado se conforma
Com o poder dos encantos feminis:
Tudo esplica e desculpa, de tal fórma
 Que... Tu sorris? Porque? Sorris
De uma verdade que tomei por norma
 No que fui, no que fiz.

São bem propios de todas as mulheres
Os carinhos, a tactica, os ardis
Com que provas — ou finjes — que me queres.
 Sou infeliz? Mas ser feliz
E' acreditar em quanto me disseres...
 E assim fui, e assim fiz.

Porque abrolha em espinhos a roseira
Quem negará que as rosas são gentis?
Do teu encanto de mulher faceira
 Ninguem dirá — e ninguem diz
Que é cousa sem valor, que se não queira...
 E assim fui no que fiz.

E's tão linda! Eu adoro-te. E's tão boa!
Finjes tão bem o amor, que o que eu não quiz
Quero agora. Que bem puz fóra á tôa!

Fui imbecil... Aos imbecis
E' caridade perdoar... Perdôa
No que fui — o que fiz.

Seja finjido embora o teu agrado,
Agrada-me! Os teus modos infantis
Me dão a idéa de que sou amado.
Naceste atriz... E's boa atriz...
Chóras?... Isso me deixa consolado
Do que fui, do que fiz.

II

Ofendi-te... E, depois, vejo-te humildemente
Chorar,
Turvo, turvo de pranto, esse resplandecente
Olhar.

Eis-me vingado, pois, bem vingado, de quanto
Sofri
Do teu suave amor, do meu suave encanto
Por ti.

Brutal, apunhalei-te a golpes de ironias
Brutaes,
Eu, que te quero tanto, a ti, que me querias
Demais.

Ha pouco, para mim, doudo eu de amor, tu, douda
De amor,
Sorria em tua boca em flor tu'alma toda
Em flor;

Desfolhei esse teu lindo sorriso que era
Assim
— Mas ainda que em ti — como uma primavera
Em mim.

E fiz todo esse mal que com algumas frases
Te fiz
Só porque te amo... Não: só porque tu me fazes
Feliz.

Fui comigo tambem, mais que contigo ainda,
Feroz:
Vendo-te assim chorar, tenho uma pena infinda.
De nós:

Provoquei esse pranto humilde e resignado;
Depois,
Por fazer-te infeliz, sou o mais desgraçado
Dos dois.

Sorris?... Vais perdoar? Mas, ó tu que és tão boa,
O meu
Crime de te maguar, alguém o não perdoa:
Sou eu.

III

"Nem mesmo com uma flor..."
Diz o proverbio arabe. Parece
Que com dobrado primor
Falára ele si dissesse:

"Nem mesmo com uma fraze
Siquer,
Seja ela embora tão leve
Ou quazi
Como a mais leve pluma
Se deve
Bater numa
Mulher..."

IV

Si a tua amante é bela
E tens ciume, finje que o não tens;
Não o perceba ela;
Ou caro pagarás
Com alma, corpo, e bens,
Cada uma dessas cousas pueris
Que um ciumento a cada passo faz
Ou diz.

Pois tua amante, fria como a neve,
E' bela
E finje que te quer bem,
Que mais reclamas? Ela
Com ser linda e fingir — dá quanto deve
E tem.

E quanto mais tiveres
Boas razões, menos dirás que as tens:
 Afinal, ás mulheres,
 Quando amadas e belas,
Caro se paga em alma, em corpo, em bens,
 A culpa sem perdão
 De ter, ter contra elas,
 Razão.

Queixas de amor que tiveres
Não as dês a entender. Nunca, a ninguém !
Mais valerá calal-as, e sorrir:
 Ouvidos de mulheres
Só ouvem bem o que lhes soa bem
 E lhes convem
 Ouvir.

Pois tua linda amante
Finje que te ama — dá-te parabens.
Declara-te feliz, e sê galante:
 O seu amor que tu não tens
 Que falta faz?
Melhor do que possuir o amor sempre ezijente
De uma mulher que alem de ser amada é bela

Mais vale á gente
Viver com ela
Em paz.

Engana-te ela e finge que és amado?
Engana-a tu também
Finjindo-te enganado:
Vivendo assim perfeitamente bem
Os dois,
Poupar-te-ás a quanto, injusta ou justa,
Uma scena de ciúme sempre custa
Depois...

FUJINDO AO CATIVEIRO

Horas mortas. Inverno. Em plena mata. Em plena
Serra do Mar.

Em cima, ao lonje, alta e serena,
A ampla curva do céu das noutes de geadas:
Como a palpitação vagamente azulada
De uma poeira de estrelas...

Negra, imensa, disforme,
Enegrecendo a noute, a desdobrar-se pelas
Amplidões do horizonte, a cordilheira dorme.

Como um sonho febril no seu sono ofegante,
Na sombra em confusão do mato farfalhante,
Tumultuando, o chão corre ás soltas, sem rumo;
Trepá agora alcantis por escarpas a prumo,
Erriça-se em calhaus, bruscos como arrepios;
Mais repousado, além levemente se enruga
Na crespa ondulação de cômoros macios:
Resvala num declive; e logo, como em fuga
Precipite, atravez da escuridão noturna,
Despenha-se de chofre ao vácuo de uma furna.

Do fundo dos grotões outra vez se subleva,
Surje, recai, resurje... E, assim, como em torrente
Furiosa, em convulsões, vai rolando na treva
Despedaçadamente e indefinidamente...

Muje na sombra a voz rouca das cachoeiras.

Rajadas sorrateiras

De um vento preguiçoso arfam de quando em quando
Como um vasto motim que passa sussurrando:

E em cada arvore altiva, e em cada humilde arbusto,
Ha contorções de raiva ou frémitos de susto.

A mata é tropical: basta, quasi macissa
De tão cerrada. Ao pé do tronco dominante
Que, imperturbavelmente imovel, inteiriça
Sob a rija galhada o torso de gigante,
— Uma vejetação turbulenta e bravia
Rasteja, alastra, fura, enrosca-se, porfia:
Moutas de craguatás agressivos; rasteiras
Trapoeirabas tramando o chão todo; touceiras
De brejaúva, em riste as flexas ouriçadas,
De espinhos; e por tudo, e em tudo emaranhadas,
As trepadeiras, em redouças balouçando
Hastes vergadas, galho a galho acorrentando
Arvores, afogando arbustos, brutalmente
Enlaçando á jissara o talhe adolescente...
Cem especies formando a trama de uma sebe
Atulhando o desvão de dous troncos; a plebe
Da floresta, oprimida e em perpetuo levante.

Aceza num furor de seiva transbordante,
Toda essa multidão desgrenhada — fundida
Como a conflagração de cem tribus selvajens
Em batalha — a ajitar cem fórmãs de folhajens
Disputa-se o ar, o chão, o orvalho, o espaço, a vida.

Na confusão da noute, a confusão do mato
Géra alucinações de um pavor insensato,
Aguça o ouvido ancioso e a vizão quasi estinta:
Lembra — e talvez abafe — urros de onça faminta
A mal ouvida voz da tremula cascata
Que salta e foje e vai rolando aguas de prata.
Rujem sinistramente as moutas sussurrantes.
Acoutam-se traições de abismo numa alfombra.
Penedos traçam no ar figuras de gigantes.
Cada ruido ameaça, e cada vulto assombra.

Uns tardos caminhanes

Sinistros, meio nús, esboçados na sombra,
Passam, como vizões vagas de um pezadelo...

São cativos fujindo ao cativoiro. O bando
E' numeroso. Vêm de lonje, no atropelo
Da fuga perseguida e caçada. Hezitando,
Em recúos de susto e avançadas afoutas,
Rompendo o mato e a noute, investindo as ladeiras,
Improvizam o rumo ao acaso das moutas.

Vão arrastando os pés chagados de frieiras...

De furna em furna a Serra, imensa, se desdobra ;
De sombra em sombra a noute, infinda, se prolonga ;
E flexuosa, em vaivens, como de dobra em dobra,
A longa fila ondula e serpenteia, e a longa
Marcha atravez da noute e das furnas avança...

Vão andrajosos, vão famintos, vão morrendo.
Fica-lhes para traz, para lonje, o tremendo
Cativeiro... E atravez desses grotões por onde
Se arrastam, do sertão que os esmaga e os esconde,
Da vasta escuridão que os cega e que os ampara,
Do mato que obsta e apaga os seus passos furtivos.
Seguem, almas de hebreus, rumo do Jabaquara
— A Canaan dos cativos.

Vão calados, poupando o folego. De quando
Em quando — fio d'agua humilde murmurando
As tristezas de um lago imenso — algum gemido,
Um grito de mulher, um choro de criança,
Conta uma nova dôr em peito já dorido,
Um bruxoleio mais mortiço da esperança,
A rajada mais fria arripiando a floresta
E a pele núa ; o espinho entrando a carne ; a aresta
De um seixo apunhalando o pé já todo em sangue ;
Uma ezacerbação nova da fome velha,

A tortura da marcha imposta ao corpo ezangue;
O joelho ezausto que, contra a vontade, ajoelha...

E a longa fila segue: a passo, vagarosa,
Galga de fraga em fraga a montanha fragosa,
Bem mais fragosa, bem mais alta que o Calvario...
Um, tropeçando, arrima o pai octojenario:
Os mais valentes dão apoio aos mais franzinos;
E Mães, a agonizar de fome e de cansaço,
Levam com o coração mais do que com o braço
Os filhos pequeninos.

II

Eil-o, por fim, o termo desejado
Da subida: a montanha avulta e crece
De um vale escuro ao céu todo estrelado;
E o seu cume de subito aparece
De um resplendor de estrelas aureolado.

Mas ai! Tão lonje ainda!... E de permeio
A vastidão da sombra sem caminhos,
Um fundo vale, tenebroso e feio,
E o mato, o mato das barrocas, cheio
De fantasmas, de estrepitos, de espinhos.

Tão lonje ainda!... E os peitos arquejantes,
E as forças e a corajem sucumbindo...
Estacando, aterrados, por instantes
Pensam que a morte hão de encontrar bem antes
Do termo desse itinerario infindo...

Tiritando, a chorar, uma criança
Diz com voz debil: “Mãi, faz tanto frio!...”
E a mãi os olhos desvairados lança
Em torno, e vê apenas o sombrio
Manto de folhas que o tufão balança...

“Mãi, tenho fome!” a criancinha geme,
E ela, dos trapos arrancando o seio,
Põe-lh’o na boca anciosa, aperta e espreme...
Arido e seco!... e do caminho em meio
Ela, aterrada e muda, estaca e treme.

Vai-lhe morrer, morrer nos proprios braços,
Morrer de fome, o filho bemquerido;
E ela, arrastando para lonje os passos,
O amado corpo deixará, perdido
Para os seus beijos, para os seus abraços...

Esse cadaver pequenino, e o rizo
Murcho no labio, e os olhos apagados,
Toda essa vida morta de improvizo,
Hão de ficar no chão, abandonados
A’ inclemencia dos sóes e do granizo;

Esse entezinho debil e medroso,
Que ao mais leve rumor se assusta e busca
O azilo de seu seio carinhoso,
Ha de ficar sósinho; e, em torno, a brusca
Voz do vento ululante e cavernoso...

E, em torno, a vasta noute solitaria
Cheia de sombras, cheia de pavores,
Onde passa a visão errante e vária
Dos lobishomens ameaçadores
Em desfilada solta e tumultuaria...

Desde a cabeça aos pés, toda estremece;
Falta-lhe a força, a vista se lhe turva,
Toda a corajem na alma lhe esmorece.
E, afastando-se, ao lonje, numa curva
O bando esgueira-se e desaparece...

Ficam sós, ela e o filho, agonizando,
Ele a morrer de fome, ela de medo.
Ulula o furacão de quando em quando,
E sacudindo os ramos e o folhedo
Movem-se as arvores gesticulando.

Ela ergue os olhos para o céu distante
E pede ao céu que descortine a aurora:
Dorme embuçado em sombras o levante,
Mal bruxoleia pela noute fóra
Das estrelas o brilho palpitante...

Tenta erguer-se, e recai; soluça e brada,
E apenas o éco lhe responde ao grito;
Os olhos fecha para não ver nada,
E tudo vê com o coração aflito
E tudo vê com a alma alucinada.

Dentro se lhe revolta a carne; explode
O instinto bruto, e quebra-lhe a vontade:
Mães, vosso grande amor, que tanto póde,
Póde menos que a indómita anciedade
Em que o terror os músculos sacode!

Ela, apertando o filho estreitamente,
Beija-lhe os olhos humidos, a boca...
É desvairada, em pranto, ebria e tremente,
Arrancando-o do seio, de repente
Larga-o no chão e foje como louca.

III

Aponta a madrugada:
Da turva noute esgarça o humido veu,
E espraia-se risonha, alvoroçada,
Rosando os morros e dourando o ceu.

A caravana tropega e anciosa
Chega ao tope da Serra...
O olhar dos fugitivos
Descança emfim na terra milagrosa
Na abençoada terra
Onde não ha cativos.

Em baixo da montanha, logo adiante,
Quasi a seus pés, uma planície imensa,
Clara, risonha, aberta, verdejante :

E ao fundo do horizonte, ao fim da estensa
Macia varzea que se lhes depara
 Ali, proxima, em frente,
Esfumadas na luz do sol nascente,
As colinas azues do Jabaquara...

O dia de ser livre, tão sonhado
Lá do fundo do escuro cativoiro,
Amanhece por fim, leve e dourado,
 Enchendo o céu inteiro.

Uma esplozão de jubilo rebenta
Desses peitos que arquejam, dessas bocas
Famintas, dessa turba macilenta :

Um borborinho de palavras loucas,
De frases soltas que ninguem escuta
Na vasta solidão se ergue e se espalha,
E em pleno seio da floresta bruta
Canta vitoria a meio da batalha.

Seguindo a turba gárrula e travessa
Que se alvoroça e canta e salta e ri-se,

Um coitado, com a tremula cabeça
Toda a alvejar das neves da velhice,
Tardo, tropego, só, desamparado,
Chega afinal, exsurge á superficie
Do alto cimo; repouza, consolado,
Longamente, nos lonjes da planicie
 O olhar quasi apagado;
Distingue-a mal, duvida; resmungando,
Fita-a; compreende-a pouco a pouco; vê-a
Anunciando proxima, esboçando
— No chão que brilha de um fulgor de arêa,
Num verde claro de hervaçal que ondêa —
A aparição da Terra Prometida...

Todo tremulo, ajoelha; e ajoelhado,
De mãos postas, nos olhos a alma e a vida,
Ele, o mesquinho e o bemaventurado,
Adora o Céu n~~o~~ssa vizão terrena...

E de mãos postas sempre, estaziado,
Murmura, reza esta oração serena
Como um tosco resumo do Evangelho:

“Foi Deus Nosso Senhor que teve pena,
De um pobre negro velho...”

Seguem. Começa a ingreme decida.
Decem. E recomeça
A peregrinação entontecida
No labirinto da floresta espessa.
Sob o orvalho das folhas gotejantes,
Entre as moutas cerradas de espinheiros,
Andrajosos, famintos, triunfantes,
Decem barrancos e despenhadeiros.

Decem rindo, a cantar... Seguem, felizes,
Sem reparar que os pés lhes vão sangrando
Pelos espinhos e pelas raizes;
Sem reparar que atrás, pelo caminho
Por onde fojem como alegre bando
De passarinhos da gaiola escapo
— Fica um pouco de trapo em cada espinho
E uma gota de sangue em cada trapo.

♦

Decem rindo e cantando, em vozeria
E em confusão. Toda a floresta, cheia
Do murmurio das fontes, da alegria
Deles, da voz dos passaros, gorjeia.
Tudo é festa. Severos e calados,
Os velhos troncos, placidos ermitas,
Os proprios troncos velhos, remoçados,
Riem no rizo em flor das parazitas.

Varando acazo ás arvores a sombra
Da folhagem que á briza arfa e revoa,
Na verde ondulação da humida alfombra
O ouro leve do sol bubuia á toa ;
A agua das cachoeiras, clara e pura,
Salta de pedra em pedra, aos solavancos ;
E a flor de S. João se dependura
Festivamente á beira dos barrancos...

Vão alegres, ruidosos... Mas no meio
Dessa alegria palpitante e louca,
 Que transborda do seio
E transbordada canta e ri na boca,
Uma mulher, absorta, acabrunhada,
Segue parando a cada passo, e a cada
Instante os olhos para traz volvendo:
De além, do fundo dessas selvas brutas
Chama-a, seu nome em lagrimas gemendo,
Uma vózinha anciosa e suplicante...

Mãe, onde geme que tão bem o escutas
 Teu filho agonizante?

IV

De repente, como um agouro e uma ameaça,
Um alarido de vozes estranhas passa
Na rajada do vento...

Estacam.

Como um bando
De ariscos caitetés farejando a matilha,
Imoveis, alongado o pescoço, arquejando,
Preza a respiração, o olhar em fogo, em rilha
Os dentes, dilatada a narina, cheirando
A arajem, escutando o silencio, espreitando
A solidão; assim, num alarma instintivo,
Estaca e põe-se alerta o bando fujitivo.

Nova rajada vem, novo alarido passa...

Como, topando o rastro ainda fresco da caça,
Uiva a matilha enquanto inquire o chão agreste,
E de repente, em furia, alvoroçada investe
E vai correndo e vai latindo de mistura;
Rosna ao dar-lhes na pista a escolta que os procura,
E morro abaixo vem ladrando-lhes no encalço.

Grita e avança em triunfo a soldadesca ufana.

E os frangalhos ao vento, em sangue o pé descalço,
Alcateia uzurpando a fórma e a face humana,
Almas em desespero arfando em corpos gastos,
Mães aflitas levando os filhinhos de rastos,
Homens com o duro rosto em lagrimas, velhinhos
Esfarrapando as mãos a tactear nos espinhos;
Toda essa aluvião de caça perseguida
Por um clamor de furia e um tropel de batida,
Foje... Rompendo o mato e rolando a montanha,
Foje... E, moutas a dentro e barrocais a fóra,
Arrasta-se, tropeça, esbarra, se emaranha,
Arqueja, hezita, afrouxa, e desanima, e chora...

Páram.

• Perto, bramindo, a escolta o passo estuga.

Os fujitivos, nesse aproximar da escolta
Sentem que vai chegando o epílogo da fuga:
A gargalheira, a aljema, as angústias da volta...

Além, fulje na luz da manhã leve e clara,
O contorno ondulante e azul do Jabaquara.

Adeus, terra bemdita! Adeus, sonho apagado
De ser livre! E' preciso acordar, e acordado
Ver-te ainda, e dizer-te um adeus derradeiro
E voltar, para longe e para o cativeiro.

Sobre eles, novamente, uma funerea noute
Cáí para sempre...

 Como a tropega boiada,
Que, abraçada de sêde e tanjida do açoute,
Se arrasta pela areia adusta de uma estrada;
Volverão a arrastar-se, humildes e tristonhos,
Tanjidos do azorrague e abraçados de sonhos,
Pelo dezerto areal desse caminho estreito:
A vida partilhada entre a senzala e o eito...

 Agrupam-se, vencidos,
A tremer, escutando o tropel e os ruídos
Da escolta cada vez mais em furia e mais perto.

Nesse magote vil de negros maltrapilhos
Mais de um olhar, fitando o vasto céu dezerto,
Injenuamente expróba o Pai que enjeita os filhos...

Destaca-se do grupo um fujitivo. Lança
Em torno um longo olhar tranquilo, de esperança,
E diz aos companheiros :

“Fuji, correi, saltai pelos despenhadeiros;
A varzea está lá em baixo, o Jabaquara é perto..
Deixae-me aqui sosinho.
Eu vou morrer, de certo..
Vou morrer combatendo e trancando o caminho.

A morte assim me agrada.
Eu tinha de voltar p’ra conservar-me vivo...
E é melhor acabar na ponta de uma espada
Do que viver cativo”.

E enquanto a caravana
Desanda pelo morro atropeladamente,
Ele, torvo, figura humilde e soberana,
Fica, e a pé firme espera o inimigo iminente.

Hercules negro! Corre, abraza-lhe nas veias
Sangue de algum heroico africano selvajem,
Acostumado á guerra, a devastar aldeias,

A cantar e a sorrir no meio da carnajem,
A desprezar a morte espalhando-a ás mãos cheias...

Não pôde a escravidão domar-lhe a indole forte,
E vergar-lhe a altivez, e ajoelhal-o diante
Do carrasco e da aljema:
Sorri para o suplicio e a fito encara a morte
Sem que lhe o braço trema,
Sem que lhe ensombre o olhar o medo suplicante.

Erguendo o braço, ele ergue a fouce: a fouce volta,
E rola sobre a terra uma cabeça solta.
Sobre ele vem cruzar-se o gume das espadas...
“Ah, prendel-o, jamais!” respondem as fouçadas
Turbilhonando no ar, e ferindo, e matando.

De lado a lado o sangue espirra a jorros... Ele,
Ajil, possante, ousado, heroico, formidando,
Faz frente: um contra dez, defende-se, e repele.

E não se entrega, e não recúa, e não fraqueja.
Tudo nele, alma e corpo ajustados, peleja:
O braço luta, o olhar ameaça e desafia,
A corajem reziste, a agilidade vence.

E, coriscando no ar, a fouce rodopia.

Afinal um soldado, ebrio de covardia,
Recu'a; vai fugir... Recu'a mais; detem-se:
Fóra da luta, sente o gosto da chacina;
E vagarosamente alçando a carabina,
Viza, desfecha.

O negro abrira um passo á frente,
Erguêra a fouce, armava um golpe...

De repente
Estremece-lhe todo o corpo fulminado.

Cái-lhe das mãos a fouce, inerte, para um lado,
Pende-lhe, inerte, o braço. Impotente, indefeso,
Ilumina-lhe ainda a face decomposta
Um derradeiro olhar de afronta e de desprezo.

Como enxame em furor de vespas assanhadas,
Assanham-se-lhe em cima os golpes sem resposta,
E retalham-n'ó á solta os gumes das espadas...

E retalhado, ezausto, o lutador vencido
Todo flameja em sangue e espira num rujido.

CANTIGAS PRAIANAS

I

Ouves acazo quando entardece
Vago murmurio que vem do mar,
Vago murmurio que mais parece
 Voz de uma prece
 Morrendo no ar?

Beijando a areia, batendo as fraguas,
Choram as ondas; choram em vão:
O inutil choro das tristes aguas
 Enche de maguas
 A solidão...

Duvidas que haja clamor no mundo
Mais vão, mais triste que esse clamor?
 Ouve que vozes de moribundo
Sobem do fundo
 Do meu amor.

II

E' tão pouco o que dezejo,
Mas é tudo o que me falta,
Só porque a flôr do teu beijo
Pende de rama tão alta..

Ninguém sabe o que suporta
O mar que chora na areia
Por essa tristeza morta
Das noutes de lua cheia :

Em baixo, o pranto das aguas,
Em cima, a lua serena...
E eu, pensando em minhas maguas
Ouço o mar, e tenho pena.

Meu amor é todo feito
De neblina tão cerrada,
Que por mais que em roda espreito
Só te vejo a ti, mais nada.

Ai, minha sina está lida,
Meu destino está traçado:
Amar, amar toda a vida
Morrer de não ser amado.

III

Vai, branca e fujidia,
A nuvem pelo ar:
Roça de leve a lua,
Embebe-se em luar.

E toda resplandece
No brilho do luar,
Mas pouco a pouco passa
E perde-se no ar.

Minha alma na tua alma
— Nuvem que trouxe o vento —
Passou por um instante
Roçou por um momento,

E toda luminosa
Brilhou... Foi um momento :
Passou como uma nuvem
Levada pelo vento.

Eu refleti apenas
Um brilho que era teu ;
Passei, e tu ficaste,
Ficou contigo o céu.

Sonhei.. Que belo sonho
Vivido em pleno céu !
Mas, ai! sonhei apenas
Um sonho todo teu...

A vida era uma aurora,
E a tua voz suave
Cantava em meu ouvido
Como um gorjeio de ave.

Mentias... E a mentira
Era um gorjeio de ave...
Morresse eu enganado
De engano tão suave !

Que angustias na lembrança
De tudo que perdi!
Ai, beijos desse labio
Que hoje nem me sorri!...

Vestijio derradeiro
Que me ficou de ti,
Bemdita esta saudade
De tudo que perdi!

Sim, eu bemdigo em pranto
O amor abandonado
Que foi um dia o sonho
De amar e ser amado.

Quem ama sempre, um dia
Deixa de ser amado :.
Sómente o amor que foje
Não é abandonado..

Que resta em nós agora
Da primavera em flôr?
Em ti, o esquecimento,
Em mim, o meu amor.

Amor desfeito em magua
Mas abençoado amor,
Que foi, um dia ao menos,
A primavera em flôr...

IV

Maria!... Nome tão doce,
Nome de santa... Parece
Que o digo como si fôsse
O rezumo de uma prece.

Tem tão mística doçura...
Abre azas á fantasia:
“Maria!” — o labio murmura,
E a alma ecôa: “Ave, Maria!”

Mal sabes tu que desprezas
Os olhos com que te sigo,
Que meus olhares são rezas
Ditas baixinho, comigo...

Mal sabes, santa Maria,
Que em tudo que sonho e penso
Teu nome paira e irradia
Como entre nuvens de incenso.

Maria, nome tão dôce...
E' o teu nome... Parece
Que o digo como si fosse
O rezumo de uma prece.

Murmuro-o devotamente:
E a essa oração, se levanta
No meu extase de crente
A tua imagem de santa.

E então, alma e olhar submersos
Num clarão de alampadario,
Vou desfiando estes versos
Como as contas de um rosario...

V

Eu sou como aquela fonte
Que vai, tão triste, a chorar:
Desce da encosta do monte,
Corre em procura do mar.

Perdição da minha vida,
Meu amor! bem compreendo
Onde vou neste descida...
E vou chorando e descendo.

Pobre da fonte, baqueia
Na varjem, sempre a chorar,
E turva, turva de areia,
Corre... corre para o mar...

Perdição de minha vida,
Amor que me vais levando!
Terá fim esta descida?
Ha de ter... Mas onde? e quando?

Com pouco mais que descaia
La vai a fonte parar:
Chega na beira da praia...
Morre nas ondas do mar...

VI

Sóbe o sol? A noute désce?
Dia e noute são-me iguais:
Si tu chegas, amanhece,
Fica noute si te vais.

Os meus olhos são de cégo
Para o que de ti se aparte:
Só em te ver os emprégo.
Mal me bastam para olhar-te.

Gorjeie o sabiá gemendo
Nas aroeiras em flor:
Mal o escuto e não o entendo,
Que só sei do meu amor.

Que ha de entender no exajero
Das queixas dos infelizes
Quem ama como eu te quero
E escuta o que tu me dizes?

Sei que ha roseiras viçosas
Porque, com os olhos em ti,
Vejo cobrir-se de rosas
Um labio que me sorri.

Seja Abril ou Junho, quando
Eu estou á tua espéra,
Logo que tu vens chegando
Principia a primavéra.

VII

Tinha momentos amargos
Teu amor, que era tão doce...
Nem posso dizer que fosse
Tudo ceu naquele ceu:
Deu-me carinhos e zelos,
Gosto e desgostos. Comtudo
Tenho saudades de tudo,
De tudo que ele me deu.

Tu eras uma roseira
Que eu topara no caminho...
Quem não perdoa um espinho
Pelos encantos da flôr?
Depois... caprichos, arrufos,
Eram apenas o ensejo

De mais sabor em teu beijo
E mais viço em meu amor.

Temí esse amor tão grande,
Tão forte, tão exclusivo,
Que me tornava cativo
Dos teus caprichos sem lei:
Tentei do seio arrancar-o...
Mas vejo, por minhas penas,
Que ele não foi, foi apenas
Meu coração que arranquei.

Certo venci com deixar-te
O encanto que me encantava
Quando eu tinha a vida escrava
Dos teus braços na prisão;
Mas... nesse *mas* se resume
Tudo que sinto e não digo
Hoje que sofro o castigo
De ter cedido á razão.

Perdido para o teu beijo,
Perdeu meu labio o sorriso;
Pouco importa, que eu preciso
— Não sorrir, porém chorar;

Nem sei de bem pela terra
Que mereça algum empenho...
Olhos, porque os ainda tenho
Si já te não hei de olhar?

Ai, como é triste o deserto
Do nosso leito vazio!
Como eu agora avalio
O que por gosto perdi!
Como são tristes as horas
Desde que já te não vejo,
E o meu amor sem teu beijo,
E a minha vida sem ti!

VIII

Do que sofro sem queixar-me
Sois causa sem o supor:
Matais-me, e sois inocente,
Que eu expio unicamente
O crime do meu amor.

Matais-me; e é meu, e não vosso
Esse crime sem perdão,
O crime de um suicida
Que em sonhos esbanja a vida
Sabendo que sonha em vão.

IX

Vida, que és o dia de hoje,
O bem que de ti se alcança
Ou passa porque nos foje,
Ou passa porque nos cança.

Ainda mesmo quando ocorre
Na vida dos mais felizes,
O prazer floresce, e morre,
A magua deita raizes.

Tem alicerces de areia
O que constróes cada dia,
Vida que corres tão cheia
Para a morte tão vazia.

Haverá queixa mais justa
Que a do feliz que se queixa?
Ai, o bem que menos custa
Custa a saudade que deixa.

DE MANHÃ

I

Na minha torturada insonia de doente
Passei horas a ouvir a noute : longamente
Ouvi chorar, gemer, aguas e vento sul.

Raia agora a manhã no ceu já todo azul.

Ao lonje, a voz de um galo, insistente e exaltada,
Soa como os clarins no toque da alvorada.

Acudo ao teu chamado instante, amiga voz !
Acordo ; esperto o olhar tonto de sono ; e após
— Do meu leito de enfermo onde ha tanto desvivo —
Sólto pela janela os olhos de cativo.

Ver é o supremo bem.

Surpreendo-me a scismar
Si a alma será, talvez, uma função do olhar...

E' com os olhos que eu sinto, e compreendo -- ou suponho.

A vida é para mim como a nevoa de um sonho
— Nevoa confusa de um sonho material
A que sómente o olhar, de certo modo, e mal,
Dá, com as fórmulas e a cor, expressão e sentido.

Não desdenho do tacto, e não desprezo o ouvido:
Conheço bem aquela “inefável pressão
Da mão amada quando encontra a nossa mão
E brandamente, e como achando um ninho, pouso”...

Sei que um beijo de amante é uma bem doce coisa:
Mas no encanto do beijo esfaimado de amor
Ha muito da visão rosea de um labio em flor.

Ao contacto da mão, ou num lirio, ou num verme,
E’ a sugestão do olhar que domina a epiderme.

Que uma sombra mortal, como pesado veu,
Amortalhasse o Sol — todo o infinito Ceu,
Toda a face, enrugada e rijida, da Terra...
Que restaria em nós de quanto a vida encerra?

No que o ouvido escuta — é o olhar que traduz:

Para a imaginação do homem orfão da luz
Que exprimiria o som — canto, sussurro, grito,
Ribombo de trovão rolando no infinito

Ou palavras de amor em labios de mulher?
Diluindo-se na paz da tarde rosicler
Canto saudoso ou prece humilde, murmurinho
Que subisse de um templo ou descesse de um ninho?

Leve zumbir de abelha em torno de uma flor
Ou ruídos do mar livido de furor,
Que entendêra a alma, cega e inutil, no mais doce
Dos murmúrios, na voz mais alta, que não fosse
Vago e impreciso som, inexpressivo, irreal,
Confundido num vão rumor universal?

Nunca tivesse o olhar humano convivido
Com a natureza; nunca houvesse o homem subido,
Pelos olhos, suave escada de Jacob,
Da Terra e de si mesmo, isto é, de lama e pó,
Para a resplandecencia astral e inacessivel
Do ceu — ermo sem fim, tão belo e tão terrivel;
Ignorasse o abandono e a saudade do sol
Que inspira á noute a voz triste do rouxinol;
Desconhecesse a luz, que desenha as paizajens,
Que entremeia no verde alegre das folhajens
O ouro vivo da seara e o sorriso da flor;
Que faz da primavera um sonho multicolor;
Que junto da montanha erguida eternamente
Para o lonjinho ceu — como um gesto impotente

E imóvel de Titan — mostra, subindo no ar,
Do socego de um vale o fumo azul de um lar;
Desconhecesse a luz que revela a beleza,
A luz, que espiritualiza a Natureza,
Que, num floco fugaz de espuma sem valor,
Cria a mais deslumbrante apoteóze da cor;
Não aprendesse, amando a luz fecunda, o forte
Horror da sombra, horror do vácuo, horror da morte:

Encerrado em si mesmo e chumbado no chão,
Insulado na funda, imensa solidão
Que em derredor do cego a cegueira dilata;
O homem, orfam da luz, na Terra estreita e chata,
Quazi só conhecendo o Universo — atravez
Do pedaço de solo em que pouzasse os pés,

Dentro da escuridão de su'alma vazia
Que humilde sonho de molusco sonharia?

II

Ver é o supremo bem.

Eu insisto em scismar
Si a alma será, talvez, uma função do olhar...

Cégos, nunca saibais verdade tão doída
Para a cegueira: o olhar vale mais do que a vida.

E' nas lições do olhar que aprendemos o Bem,
E o Mal: o amor, o asco, a piedade, o desdem.

A dor que vemos dóe como si em nós doesse.

Exprime uma verdade inconsolavel esse
Proverbio tão brutal e tão justo no seu
Conceito imparcial de maxima egoista
Que condena o esquecido e absolve o que esqueceu,
Dizendo-lhes com voz igual: "Lonje da vista
Lonje do coração"...

Olhar, fonte perene e viva da Emoção!

Toda a fisionomia humana se ilumina
Ou tempestua pelo olhar — luz matutina
Ou fulgor de corisco em ceu de temporal;
Ardente, ou frio como o gume de um punhal;
Dando, radioso ou turvo, expressão e eloquencia
A' colera, á ternura, á enerjia, á demencia;
Abrindo a alma como a um clarão de luz solar
Ou vago como um pôr de sol á beira-mar;
Iluminando o rosto, ou, enevoado em magua,
Boiando inerte a flux de uns olhos rasos d'agua...

III

A inspiração de um poeta é como solo inculto
Que á toa se abre em flor:

Todo esse turbilhão de idéas em tumulto
Que, nem eu sei porque, rimei com tanto ardor,
Veiu-me de ter visto
— Pela janela do meu quarto de doente —
Que maravilha?

— Isto:

Um trecho muito azul de ceu alvorecente;
Um pedaço de muro engrinaldado de hera;
E, resumo feliz de toda a Primavera,

Ao leve sopro de uma arajem preguiçosa,
O balanço de um galho embalando uma rosa...

FANTAZIAS DO LUAR

Entre nuvens esgarçadas
No céu pedrento flutua
A triste, a palida lua
Das baladas.

Frouxo luar sugestivo
Contajía a natureza
Como de um ar de tristeza
Sem motivo.

Tem vagos tons de mirajem,
De um dezenho sem sentido,
O conjunto descozido
Da paizajem.

A apagada fantasia
Do colorido — parece
De um pintor que padecesse
De miopia.

Tudo, tudo quanto existe,
Estravaga, e se afigura
Tomado de uma loucura
Mansa e triste.

O longo perfil do Monte
— Como um rio de agua verde —
Corre ondulando, e se perde
No horizonte.

E sobre essa imaginaria
Turva corrente, projéta
A alva igreja a sua seta
Solitaria.

Assim, de um ermo barranco
A garça alonga no rio
O seu vulto muito branco,
Muito esguio.

Sonha, imovel... E acredito
Que de subito desperte
Aquele fantasma inerte
De granito:

Dorme talvez... Qualquer coisa
No seu sono se disfarça
De aza encolhida de garça
Que repouza;

E eu cuido vel-o, a cada hora,
Animar-se; e de repente
Subir socegradamente
Céu a fóra...

*

Ha um lirismo disperso
Nos ares... O proprio vento,
Esse bronco, esse praguento,
Fala em verso;

Voz forte, bruscas maneiras,
Pela boca pondo os bófes,
O vento improviza estrófes
Condorêiras.

Beijam-se as frondes, arrulam,
Trocam afagos, promessas...
E as arvores secas, essas
Gesticulam.

Gesticulam, como espetros,
No vácuo, tentando abraços
Com seus descarnados braços
De dez metros.

Algum trovador de esquina
Canta a paixão que o devora;
E a sua voz geme, chora,
Desafina.

Ao lonje um éco repete
O canto, fraze por fraze,
Em tom abrandado, quaze
Sem falsete.

Tem o aspeto apalaçado
Da pedra cara e macissa
O muro, em simples caliça,
De um sobrado.

Nem castelã falta a esse
Castelo: na luz da lua,
Branca, airosa, semi-nua,
Resplandece,

Numa pose pitoresca
De romance ou de aquarela,
A burgueza que á janela
Goza a fresca.

*

O olhar, o ouvido, a alma inteira
Vê, ouve, acredita, sente
Quanto sonhe, quanto invente,
Quanto queira,

Quando, ó lua das baladas,
Forjas vizões indistintas
Com esse aguado das tintas
Estragadas.

DA CARTEIRA DE UM DOUDO

Numa cova bem funda, em sitio agreste
E solitario, junto
Das severas raizes de um cipreste,
Meu coração deitei como um defunto.

Lá o deixei. Estroina impenitente
Que hoje a prisão de um tumulto encarcéra,
Lá jaz, enfim acomodado e auzente,
Apodrecendo em paz á minha espera.

E descansei, por algum tempo ao menos,
Desse incomodo, pessimo aliado,
Bebedo sempre e nunca saciado
Do acre sabor de todos os venenos.

Por longos anos de frajlidade
Aturei-lhe a estroinice de devasso:
Bebedeiras de amor a cada passo,
De quando em quando orjias de bondade...

Sentia como propria a mais pequena
Desgraça alheia ; e assim, de quando em quando,
Metia-se em funduras, esbanjando
Uma fortuna em lagrimas de pena.

E quanto a amores, era um vagabundo,
Era um romeiro eterno, escandaloso,
Que ia de porta em porta pelo mundo
Cantando lôas e pedindo pouzo.

Um mendigo, afinal! Com que despejo,
Com que lamurias, com que voz aflita
Ia, tentando a esmola de algum beijo,
De boca em boca de mulher bonita.

Como alguns têm o vinho turbulento
A's vezes, outras vezes choraminga,
Tinha ele o amor, digamos — tinha a pinga —
Conforme o rumo com que vinha o vento.

Amando sempre, o amor desabafava
Em ais de magua, em gritos de esperança,
Ora arrulhando como pomba mansa,
Ora rujindo como féra brava.

Quantas compridas noutes eu, cahido
De sono e de canceira no meu leito,
Não o aturei a martelar-me o peito,
Na agitação de um mar enfurecido...

E quanta vez não dezejei ser surdo
Quando esse louco, em surtos de eloquencia
Me fazia a estafante confidencia
De algum sonho de amor, suave e absurdo!

Como era facil e ezijia apenas
Das mulheres que achava encantadoras
Uma alvura de marmore nas louras,
Um rosado de jambo nas morenas,

Nunca lhe escasseou terreno azado
E nunca lhe faltou tempo propicio
A' cultura intensiva do seu vicio
— Do seu vicio de amar sem ser amado.

Porque amado não foi... E o mais terrivel
Dos seus defeitos, como dos meus males
Era esse de transpor montes e vales
Correndo atraz de um bem inacessivel...

Como no largo mar uma canôa
Abandonada às fúrias da procela,
Roto o leme, sem rumo, sôlta a vela,
Vae de onda em onda velejando á toa;

Ele, de desengano em desengano
Como de vaga em vaga sacudido,
Sempre burlado e nunca esmorecido,
Amava á tôa, e amava a todo o pano...

Era um doudo, afinal. E assim seguia
Pela vida, ora alegre, ora tristonho,
Cada noute sonhando um lindo sonho,
Chorando um sonho morto cada dia...

E eu, as horas da minha mocidade,
A seguil-o esbanjei uma por uma,
Ele era doudo. Eu o seguia... Em suma
Eramos dous malucos de verdade.

Mas um dia a aventura foi mais louca:
Bateu por ti... A acompanhar-lhe os passos,
Sonhei teu corpo arfando nos meus braços
E teu beijo florindo em minha boca.

Ai, assim seduzido e deslumbrado,
Eu deixei-me levar, alma perdida;
Nunca senti tamanho amor na vida...
Olha que nunca fui tão desgraçado!

Como te amei! Mas pude felizmente
Abrir a tempo os olhos razos d'agua
Sobre esse abismo de insondavel magua
Que a meus pés se rasgava, em minha frente.

Meu adoudado guia então detendo,
Disse-lhe: "Coração, meu pobre amigo,
"Basta! Corres em vão e em vão te sigo:
"E' para a morte que tu vais correndo.

"Sim desta vez corremos para a morte:
"Por essa a quem te dás e me repele
"Não batas mais, ou morreremos..." e ele,
Ele, a chorar, poz-se a bater mais forte.

Era de mais, e recuzei seguil-o:
Tentei contel-o; rezistiu-me, o louco.
Lutámos. Subjuguéi-o: Pouco a pouco
Cedeu; prostrei-o. Eil-o, afinal, tranquilo.

Destroço inútil que se atira a um canto,
Deixei, sem dó, rolar esse vencido
Para a sombra de um vale ermo e esquecido
Lonje do mundo em que sofremos tanto.

Enterrei-o nesse ermo, bem no fundo
De uma bem funda cova... Nem pudera
Jaula mais própria achar para essa fera,
Melhor prisão para esse vagabundo.

E agora que o deixei posto de lado,
Lonje de mim, fóra do meu caminho,
Penso, ao sentir-me bem indo sozinho,
Que antes só do que mal acompanhado.

Sozinho, avanço pela vida a fóra
Cantando e rindo, lépido e seguro;
Olho em frente — e por todo o meu futuro
Vejo raiar como um clarão de aurora...

Sinto-me livre e forte. Adeus, cuidados!
Adeus, canceira inútil de desejo!
Desabafem no alívio de um bocejo
Meus beijos murchos, que não foram dados.

Fatigado, apetece-me o descanso:
Com o mesmo olhar de indiferença, quero
Olhar-vos, terra de que nada espero,
E céu, lonjinho céu que não alcanço!

Num socego viril, de que me ufano,
Quero, sem ambição que me atormente,
Ver de cima, da margem da corrente,
Rolar em baixo o torvelinho humano.

Deuza que hoje aos meus olhos te humanizas!
Eu, que te amei humilde e miserando,
Eu calco aos pés o mesmo chão que pizas,
O mesmo chão que já beijei chorando.

Eu, que fui sempre desdenhado e triste,
Vingo-me agora rindo-me do mundo;
E, ó tu, que amei! os teus encantos fundo
No meu desdem por tudo quanto existe!

Ele, o meu pobre coração, lá dorme
No fundo do seu carcere tremendo;
Lá dorme, o eterno sonhador, enchendo
De sonhos vãos a sua noute enorme.

E do seio da terra, que o consome
Tão lentamente, ouço de quando em quando
Subir a voz de alguém que está chamando,
De alguém que chora a murmurar teu nome...

FOLHAS SOLTAS

Hontem, hoje, amanhã... Como simbolizar
O passado, o presente, o futuro — as tres fazes
Da vida? com tres frases
De sentido corrente e de uzo o mais vulgar :

— Uma saudade ; um grande esforço ; uma esperança.

Ou antes, e talvez melhor, expondo-as numa
Triplíce imajem que resume a vida inteira :
— Um rosto, luminoso e alegre, de criança ;
Duas mãos perseguindo uma bolha de espuma ;
E rindo-se (de quê? de tudo) uma caveira.

Nem só o olhar dos olhos de quem ama
Revela o amor que se supõe discreto,
E o mais oculto, o mais medroso afêto
Injenuamente á luz do sol proclama.

Tambem a voz, indiscreção bemdita,
Tráe o amor sob a fraze indiferente;
E debalde a palavra finje e mente:
Na voz que treme o coração palpita.

Desvias dos meus olhos infelizes
O teu olhar... Dizes que não... Loucura!
Em tua voz que tremula murmura
Ouço tudo que sentes e não dizes.

Jesus

Palido sonhador que ha dous mil anos quaze
Sobre uns palmos da Terra atravessaste a vida
Semeando ao vento um gesto, um suspiro, uma fraze,
Toda num sonho vago absorta a alma dorida,
Fito no azul do céu vazio o olhar tristonho;

Palido sonhador, ha dous mil anos quaze
Enchem de magua e sombra a Terra comovida
O éco da tua voz e a nevoa do teu sonho...

Faz frio. Ha bruma. Agosto vai em meio.
E eu iria jurar, bemdito engano,
 Que a primavera veiu
 Antes do tempo, este ano.

Vi-te. Sob o nublado céu de Agosto
Nem os jardins começam a brotar,
 Mas ha rosas no teu rosto
E azul, azul de céu, no teu olhar.

Que importa o frio? A bruma? Agosto em meio?
Juro, posso-o jurar, que não me engano;
 A primavera veiu
 Antes do tempo, este ano.

Amo-te. E assim como si não houvesse
Inverno, e terra nua, e bruma no ar
 O meu coração floresce
E ha luz, ha luz de sol, no meu olhar.

Mimi

Vaes-te, a sorrir... Que mais queres?
Fico, a lembrar... Que mais posso?
Levas tudo que era nosso:
Tua mocidade em flor...
Pois que te vais tão contente
E me deixas tão sem nada,
Feliz de ti, minha amada!
Coitado do nosso amor!

Mas tu que partes sorrindo
Talvez algum dia, quando
Voltares, voltes chorando
Tua mocidade em flor...
Que encontrarás, quando voltes?
Talvez pouco... Talvez nada...
Pobre de ti, minha amada!
Coitado do nosso amor!

Tu, moça; eu, quazi velho... Entre nós dous, que horror,
Vinte anos de distancia. Entre nós dous, mais nada.
E hoje, pensando em ti, puz-me a sonhar de amor
Sómente porque vi por acaso, na estrada,
Sobre um muro em ruina uma roseira em flor...

Tu dizes que é loucura este amor... Bem o creio.
Como loucura me sorriu, como loucura
 Veiu cantando, veiu
Reduzir-me a um olhar que, num perpetuo aneio,
 Te vê, ou te procura.

E' loucura este amor? Foi-o desde começo,
Desde que te amo. Tu, dizendo-m'ó, bem pouco
 Me adeantas, confesso:
Ha muito tempo — ha quanto! — eu sinto e reconheço
 Que te amo como louco.

Mas... Nem eu imagino o amor de outra maneira.
Desde o caso de Adão e Eva no Paraizo,
 O amor, minha faceira,
Toda a vida se fez notar pela cegueira
 — Nunca pelo juizo.

PALAVRAS AO MAR

Mar, belo mar selvajem
Das nossas praias solitarias! Tigre
A que as brizas da terra o sono embalam,
A que o vento do largo erriça o pêlo!
Junto da espuma com que as praias bordas,
Pelo marulho acalentada, á sombra
Das palmeiras que arfando se debruçam
Na beirada das ondas — a minha alma
Abriu-se para a vida como se abre
A flôr da murta para o sol do estio.

Quando eu nasci, raiava
O claro mez das garças forasteiras;
Abril, sorrindo em flôr pelos outeiros,
Nadando em luz na oscilação das ondas,
Desenrolava a primavera de ouro:
E as leves garças, como folhas soltas
Num leve sopro de aura dispersadas,
Vinham do azul do céu turbilhonando
Pouzar o vôo á tona das espumas...

E' o tempo em que adormeces
Ao sol que abraza : a colera espumante,
Que estoura e brame sacudindo os ares,
Não os sacode mais, nem brame e estoura ;
Apenas se ouve, timido e planjente,
O teu murmúrio ; e pelo alvor das praias,
Lingue, numa caricia de amoroso,
As largas ondas marulhando estendes...

Ah! vem d'ai por certo
A voz que escuto em mim, tremula e triste,
Este marulho que me canta na alma,
E que a alma jorra desmaiado em versos ;
De ti, de ti unicamente, aquela
Canção de amor sentida e murmurante
Que eu vim cantando, sem saber si a ouviam,
Pela manhã de sol dos meus vinte anos.

O' velho condenado
Ao carcere das rochas que te cinjem!
Em vão levantas para o céu distante
Os borrifos das ondas desgrenhadas.
Debalde! O céu cheio de sol si é dia,
Palpitante de estrelas quando é noute,
Paira, lonjinho e indiferente, acima
Da tua solidão, dos teus clamores...

Condenado e insubmisso

Como tu mesmo, eu sou como tu mesmo
Uma alma sobre a qual o céu resplende
— Lonjinho céu — de um esplendor distante.
Debalde, ó mar que em ondas te arrepelas,
Meu tumultuoso coração revoltado
Levanta para o céu, como borrifos,
Toda a poeira de ouro dos meus sonhos.

Sei que a ventura existe,

Sonho-a; sonhando a vejo, luminosa,
Como dentro da noite amortalhado
Vês longe o claro bando das estrelas;
Em vão tento alcançá-la, e as curtas azas
Da alma entreabrindo, subo por instantes...
O' mar! A minha vida é como as praias,
E o sonho morre como as ondas voltam!

Mar, belo mar selvagem

Das nossas praias solitárias! Tigre
A que as brisas da terra o sono embalam,
A que o vento do largo erriça o pêlo!
Ouço-te ás vezes, revoltado e brusco,
Escondido, fantastico, atirando
Pela sombra das noites sem estrelas
A blasfemia colérica das ondas...

Tambem eu ergo ás vezes .
Imprecações, clamores e blasfemias
Contra essa mão desconhecida e vaga
Que traçou meu destino... Crime absurdo
O crime de nascer! Foi o meu crime.
E eu expio-o vivendo, devorado
Por esta angustia do meu sonho inutil.
Maldita a vida que promete e falta,
Que mostra o céu prendendo-nos á terra,
E, dando as azas, não permite o vôo!

*

Ah! cavaessem-te embora
O tumulto em que vives — entre as mesmas
Rochas nuas que os flancos te espedaçam,
Entre as nuas areias que te cinjem...
Mas fosses morto, morto para o sonho,
Morto para o desejo de ar e espaço,
E não pairasse, como um bem auzente,
Todo o infinito em cima de teu tumulto!

Fôsses tu como um lago,
Como um lago perdido entre montanhas:
Por só paizajem — áridas escarpas,
Uma nesga de céu como horizonte...

E nada mais! Nem visses nem sentisses
Aberto sobre ti de lado a lado
Todo o universo deslumbrante — perto
Do teu desejo e além do teu alcance!

Nem visses nem sentisses
A tua solidão sentindo e vendo
A larga terra engalanada em pompas
Que te provocam para repelir-te;
Nem, buscando a ventura que arfa em roda,
A onda elevasses para a ver tombando,
— Beijo que se desfaz sem ter vivido,
Triste flôr que já brota desfolhada...

*

Mar, belo mar selvajem!
O olhar que te olha só te vê rolando
A esmeralda das ondas, debruada
Da leve fimbria de irisada espuma...
Eu adivinho mais: eu sinto... ou sonho
Um coração chagado de desejos
Latejando, batendo, restrujindo
Pelos fundos abismos do teu peito.

Ah, si o olhar descobrisse
Quanto esse lençol de aguas e de espumas
Cobre, oculta, amortalha!... A alma dos homens
Apiedada entendera os teus rujidos,
Os teus gritos de colera insubmissa,
Os bramidos de angustia e de revolta
De tanto brilho condenado á sombra,
De tanta vida condenada á morte!

*

Ninguem entenda, embora,
Esse vago clamor, marulho ou versos,
Que sáe da tua solidão nas praias,
Que sáe da minha solidão na vida...
Que importa? Vibre no ar, acorde os écos
E embale-nos a nós que o murmuramos...
Versos, marulho! amargos confidentes
Do mesmo sonho que sonhamos ambos!

TROVAS

Ouve: si amor é pecado,
Eu, pecador, me confesso
De tudo quanto anda impresso
Em meu olhar enlevado.

Si com isso estou perdendo
A minh'alma transviada,
— Minh'alma não vale nada...
Eu péco, e não me arrependo.

Deste ardor em que me inflamo
Direi, para ser sincero,
Que dele sómente espero
Amar-te mais do que te amo.

Si rezo, nas minhas preces
Só peço a Deus essa graça:

Que me conceda e me faça
Amar-te quanto mereces.

Eu vivo tão descuidado
De tudo mais desta vida,
Que nem me ocorre, querida,
A idéa de ser amado.

Amor com o feitiço desse
Que a si mesmo renuncia,
— Como te agradeceria
O que eu por ti padecesse!

Deixa tu, pois, que se farte
Meu olhar impenitente
Todo embebido e contente
Da só ventura de olhar-te.

Sem razão fôras severa
Com a pobre de uma roseira
Porque ela, queira ou não queira,
Dá rosas, si é primavera...

Deus, que nos poz face a face
E deu-me os olhos que tenho,
Nisso mostrou certo empenho
Em que eu te visse — e te amasse.

Por força de lei divina
E não, de certo, por gosto,
Quando pouza no teu rosto
O meu olhar se ilumina.

Perdôa a muda insistencia
Dos olhos que a ti levanto:
Olhar-te é o supremo encanto
De toda a minha existencia.

Olhar-te... Delicia calma!
Mar tranquilo e sem escolhos!
E' o pecado dos meus olhos
E a salvação da minh'alma.

Confesso-me, nada négo:
Amo-te... E nisto de amar-te
Só tenho de minha parte
A culpa de não ser cégo,

E' meu destino, que queres?
Eu te amo porque me encantas
— Tu, a mais linda das santas
E a mais santa das mulheres.

CARTAS A V. S.

Artista, amigo, irmão, sê generoso e pio,
Perdôa a um pescador seus pecados mortais!
Eu, alma em turbilhões, corpo em cacos, expio
Com remorsos crueis e doenças fatais
— Faltas em que reincido, erros em que porfio.

Ai, no fundo, não sou mais do que um bugre, eis tudo.
Corre abundante em mim sangue de guaianás.
Veste-me a pela branca o espirito desnudo,
Simples, rudimentar, insubmisso, incapaz,
Que por ventura herdei de algum avô beijudo.

Imajina que sou neto de algum cacique
Cuja vida feliz de nómade sem lar
Tinha a alegre feição de um grande pique-nique;
E em cuja fronte altiva as plumas de um cocár
Eram como a expressão ritual do ultimo *chic*;

Algun bugre feroz, cujo corpo bronzado
Mantinha a liberdade inata da nudez;
Que dormia tranquilo um sono descuidado
— Passivo, indiferente, enfarado talvez —
Sob o misterio azul do céu todo estrelado.

Ignorando o pavor da vida extra-terrena,
Tinha para o Futuro um olhar imbecil;
E, passando na terra, inutil, em pequena
Viajem atravez da natureza hostile,
Vivia sem cuidado e morria sem pena.

Vejetava feliz, sem lei, sem rei nem roque.
Sua unica ambição era a fome vivaz,
Sua unica riqueza, uma flexa e um bodoque;
E abria-se num rizo eterno e contumaz
O seu labio — fendido ao pezo do batoque,

Imajina tu, pois, a alma do avô selvajem
Comprimida, esmagada, atonita, infeliz,
Metida numa vasta e complexa engrenajem
De deveres morais e tramoias sutis,
De apuros de dinheiro e apuros de linguagem;

Imajina esse filho inculto da floresta,
Que ama o céu porque é belo e ama o sol porque luz,
— Perdido na Cidade ignobil e funesta,
Cheia de sombra e pó, caiada e deshonestas,
Velha Aspazia garrida, e a desfazer-se em pús;

Vê si esse humilde e tosco espirito imaginas,
Ao-sabor de uma turba em grita e em confusão,
Pela prédica e o livro, os jornais e as *mofinas*,
Arrastado em tropel — disputado em leilão
Em nome de trez mil Sistemas e Doutrinas;

Imajina cativa, entregue, submetida
Aos caprichos da Moda e á exigencia das Leis,
Entre o encanto do Mal e a idéa da Outra Vida,
Entre o culto de Deus e o culto do Mil-réis,
E a pompa de um salão, e o pó de uma avenida,

Ai, imajina assim a alma do bugre bravo,
Meu avô — que, no mato, era o dono feliz
Do seu tempo vazío e do seu gosto ignavo;
Que era, em suma, o senhor do seu proprio nariz...
— Alma livre que em mim reviveu num escravo!

Alma apenas capaz de adejar, fujidiça,
Em vôos leves de uma aza de beija-flôr;
E obrigada a pairar nas rejiões da Justiça
Como um corvo que sóbe ao céu todo esplendor
Para, do alto, melhor lobrigar a carniça...

Ai, a alma do tupi, bem mal domesticada
A' macaqueação cabocla do europeu,
Conserva, forte e viva, a angustia de exilada,
A saudade fiel de tudo que perdeu,
Da floresta nativa, auzente e devastada.

Assim, de quando em quando assalta-me a cachola
Um furioso desejo — ou do mato, ou do mar,
Das vastas solidões onde ninguem me amola..
E, passaro cativo, eu fujo, a me escapar
Da Civilização — como de uma gaiola.

Fujo, escapo, disparo atravez das vielas
Plenas de ajitação, de atritos e de pó;
Salvo-me, aos esbarrões, dando cebo ás canelas,
A ouvir a voz de algum descendente de Job
Que apregôa Moral — coberto de mazelas.

Liberto, a salvo emfim, penetro na floresta
Como num templo augusto habitado por Deus;
E ante o vasto esplendor na natureza em festa,
Sob a aureola em que a cinje a abobada dos céus,
— Rendo-lhe a adoração que o meu olhar lhe presta.

Nem padres, nem altar, nem liturgia... Um côro
De aves canta a alegria injenua de viver;
De lonje em lonje reza e resmunga um bezouro.
E sóbe, como incenso, o perfume, a se erguer
Da sombra em flôr do chão que o sol polvilha de ouro.

E, por um dia ou dous, eis-me entregue, alma antiga
De bugre resurréto, o olhar vago, os pés nus,
A' doce Religião da Natureza amiga...
Erro á tôa: o primeiro atalho me conduz,
Vêr o céu me contenta; uma arvoze me abriga.

Estendo-me na relva; e, na delicia absorto
De sentir a alma leve, ôca, vazia... assim
Gózo a beatitude inteira do conforto
De me deixar levar pelo tempo sem fim
Como um tôco sem vida a boiar num mar morto.

Não pensar, não querer... A ambição e a saudade
Adormecidas; morta essa ilusão pueril
De fazer intervir no Destino a Vontade...
Ignorar o Minuto, insecto odioso e vil
Que róe a vida e vai tecendo a eternidade...

Na solidão do mato, esqueço, ignoro, em suma:
Sou feliz. Dou sueto a esta alma de aluguel
Que vive, de auto em auto, a desfazer-se em espuma;
E, livre do canudo atroz de bacharel,
Passo orgulhosamente a ser cousa nenhuma.

E o mar então.. O mar, o velho confidente
De sonhos que a mim mesmo hesito em confessar,
Atrai-me; a sua voz chama-me docemente,
Dá-me uma embriaguez como feita de luar...
O mar é para mim como o Céu para um crente.

Vê tu lá, Valdomiro, o bugre apenas manso
Que eu sou. Sob o verniz que me disfarça, está
O tapuia boçal, bravoio como um ganso,
Devoto da Preguiça, amigo do descanso,
— Um neto do remoto avô Tibiriçá.

Impetos de voltar, fujido, para o mato,
De me fazer ao mar numa casca de noz:
Eis o vicio do bugre, eis o meu vicio inato,
Eis o que eu em remorso e em doenças resgato,
Eis o crime de ser neto de meus avós.

E agora, conhecendo a verdade inteiriça,
Perdôa a um pescador seus pecados mortais,
Perdôa a um preguiçoso os crimes da Preguiça,
E a um bugre como eu sou, não ter na alma insubmissa
O culto da visita e dos Cartões Postais!

Falando agora serio — e envergonhado o digo:
Não, desculpa não ha que ouse em prosa valer
A's mil faltas em que eu estou para contigo.
O verso diz... o que não ha para dizer:
Pague, pois, o poeta as dividas do amigo.

Paga-as; paga-as á vista, em rima numerosa;
Paga-as de rosto alegre e coração feliz,
Porque, na mesma estrofe exata e afetuosa,
Póde, na mesma voz que o mesmo verso diz,
Saudar a um tempo o amigo e o principe da prosa.

Lida a defeza, que é tão estensa e tão crua,
Outorga ao réo confesso um perdão liberal...
Pai do céu! ainda aqui fiz uma falcatrua:
Sendo a defeza assim tão comprida — afinal
Os pecados são meus — e a penitencia é tua...

ORAÇÃO PAGÃ

Felicidade em que eu nem creio...
E é quazi nada... Hontem, emfim,
O seu olhar acaso veiu
 Pouzar em mim.

Viu-me? Não sei. Talvez não visse...
Nem sabe a garça, errante no ar,
Da sua sombra á superficie
 Azul do mar;

Nem sabe a estrela, a clara estrela
Que, no alto ceu, toda é fulgor,
De quanto humilde arbusto, ao vel-a,
 Palpita em flor.

Olhou-me; olhou... Mas eu duvido
Que reparasse em mim — porque
Ha um olhar, tão distraido,
 Que olha, e não vê...

Essa mulher formosa e santa
Passa entre os homens — atravez
De himnos de amor que o chão levanta
Sob os seus pés;

Alma não ha que se não dobre
A esse exemplar da Perfeição:
Olhar que a fite — é como um pobre
Que estende a mão.

E ela, fuljindo em plena gloria
Da formosura triunfal,
Passa, e não vê: branca, marmorea,
Escultural...

Estatua fria ou deusa altiva,
Pela mulher que ela não é
Arde e palpita a chama viva
Da minha fé:

Alucinado de esperança,
Misto de crente e pecador,
Aspiro á bemaventurança
Do seu amor.

—
Que doudo o sonho em que me abraço
Só porque, em suma, aconteceu
Que um seu olhar, olhar de acaso,
Pouzou no meu...

Que esperas tu, paixão profana,
Fazer vibrar, para teu bem,
Na altiva deusa — a fibra humana
Que ela não tem?

O' meu amor, porção de nada!
Tu sonhas tanto... E eu vejo só
Sonhos que de azas fracturadas
Rojam no pó...

A PARTIDA DA MONÇÃO

I

Eil-as, as toscas naus de borda rastejante
A' flôr das aguas, naus de estreitos rios quietos;
Eil-as, prestes a abrir para o sertão distante
O seu vôo, arrastado e sem gloria, de insetos.

Nem o porte arrogante, o sobranceiro aprumo
— Altivo no descanso e ousado nos tufões —
Dessas aguias que vão bordejando sem rumo
Pelo acaso do mar, feito de turbilhões;

Nem a airosa altivez de velas desfraldadas
Fuljindo ao sol, ao vento abroquelando o bojo;
Nem prôas a romper ondas e espumaradas,
Pelos parceiros em furia arroteando o rebojo;

Nada disso que faz o petulante orgulho
De afoutos bergantins e galeras reais:
Calcar a onda, rompê-la, ouvindo no marulho
A comemoração de seus passos triunfais;

Nem adiante, acirrando o desejo atrevido
De aventura e perigo, ancias de glória, em suma,
— A infinita extensão do mar ermo, perdido
Nos confins do horizonte amortalhado em bruma;

Nem o arroubo, a poesia, a esperança fogosa
De ir ao lonje, através das ondas, conquistar
A nudeza pagã e a virjindade ociosa
De ermas ilhas em flôr nas solidões do mar...

II

Humildes, toscas naus de borda rastejante
A' tona d'agua, naus de estreitos rios quietos,
Vão apenas abrir para o sertão distante
O seu vôo, arrastado e sem gloria, de insetos.

Levadas no pendor macio da corrente,
Irão seguindo, irão seguindo sem rumor
E sem vontade, mole e resignadamente,
Por um rumo servil, forçado e encantador.

A raiva dos tufões (como a grita afastada
De éco em éco se adoça em suspiro de maguas)
Esvaída, a morrer de quebrada em quebrada,
Mal roçará de leve a face azul das aguas.

Em todo o curso, a terra ao lado, seio amigo,
Companheira constante e proteção fiel,
Pondo o socorro á mão nas ancias do perigo,
Dando ao gozo do olhar delicias de um verjel.

E o rio, manso, manso... a ondular, murmurando
O seu murmurio igual, monotono estribilho,
Morosa cantilena, em voz baixa e em tom brando,
De mãi que embala o berço onde repousa o filho.

E o rio, manso, manso... a embalal-as, descendo,
No balanço sutil da mole ondulação,
E a arrastal-as, de leve, assim, para o tremendo,
Para o lonjiquo, vago, infinito sertão...

III

Hão de em breve surgir, pelas marjens sinuosas
Florestas virjens de onde um confuso rumor
Sóbe de solidões profundas, misteriosas,
Como um uivo agourento, um uivo ameaçador.

Voz sem éco, a não ser na alma de quem a escuta,
Surdo resfolegar de monstro provocado
Que de repente acorda e, prestes para a luta,
Abre a guela de sombra, e espera, socegado.

Socegado, seguro, apercebido, espera
Os que lhe vêm trazer, fanatica oblação,
Corações para a flexa e sangue para a fera,
Carniça para o abutre e ossadas para o chão.

A oculta sucuri das hervas no disfarce,
Ergue a cabeça, afirma o olhar esconso e fusco,
E vagarosamente, e como a espreguiçar-se,
Desenrodilha o corpo e apresta o salto brusco.

Na sombra eternamente apagada, noturna,
De fundos socavões virjens da luz solar,
Em cada gruta, em cada escuro, em cada fuma,
Relampejam fuzis nos olhos de um jaguar...

IV

Depois da mata escura o campo undoso e verde,
Banhado em sol, fechado em céu ao lonje, e assim
Tão vasto e nú, que o olhar se fatiga e se perde
Num esplendor sem sombra e num ermo sem fim.

Paira, grassa em redor, toda a melancolia
De uma paizajem morta, igual, deserta e imensa,
Pondo nos olhos e nas almas que enfastia
Um pezo ainda maior que a dôr, a indiferença.

Desanimado, absorto, ante essa indefinida
Solidão que se espraia além, além... o olhar
Tem a impressão que faz a tristeza da vida:
De ir seguindo, seguindo... e nunca mais voltar.

Sobre os dias irão caíndo as noutes.. Vastas
Noutes de um céu que é todo azul de lado a lado,
Quando, ó triste luar das planicies, afastas
Ainda mais, ainda mais, o horizonte afastado...

V

De repente, uma flexa alijera sibila.
De onde veio? Da sombra. É a sombra, de repente,
— Traição da cascavel numa alfombra tranquila —
Principia a silvar com silvos de serpente.

Por toda parte a larga escuridão se anima
Desse leve rumor que espalha a morte, e sái
Do chão e vôa, ou vem rastejante, ou, de cima,
Salpicado, vivaz como um granizo, cáí...

Bruscamente borbulha em fantasmas a marjem
Ajitada do rio. O clarão da metralha
Responde á sombra. E de éco em éco a imensa varjem
Reboa de um fragor de guerra e de batalha.

Eis o caminho aberto ao triunfo e á conquista,
— Como a corça ferida escapa e foje em vão,
Deixando atraz, deixando humida e fresca, a pista
De seu flanco rasgado e sangrando no chão;

Fujitiva e dispersa, a turba dos vencidos
Atrái, guia, conduz para a tribu distante,
Para a perdida paz de seus lares traídos,
A guerra, o cativoiro, a morte: o bandeirante.

Ferve a luta. De serra a serra vôa o rouco
Som da inubia, acordando écos e lejiões;
Ouriço monstruoso, o sertão, pouco a pouco
Todo se erriça das flexas de cem nações...

VI

Eil-as, as toscas naus de borda rastejante.
A' flôr das aguas, naus de estreitos rios quietos ;
Eil-as, prestes a abrir para o sertão distante,
Para assombros de gloria, o seu vôo de insetos.

Apinhem-se na praia os velhos, derramando
De encarquilhadas mãos inuteis para mais
A bençam dos que já se sentem bruxoleando
Aos que lhes vão tornar os nomes imortais.

Mães, deixai que, sonhando, a vista embevecida
De vossos filhos pouze, e se ilumine, e aprenda
Nessa formosa folha em que o livro da vida
Tem estrofes de poema e proporções de lenda.

Noivas, com os corações envoltos na penumbra
Indecisa do amor que se orgulha e se dóe,
Vinde trazer-lhes vosso olhar de que resumbra
Saude pelo amante e enlevo pelo heróe...

Ao largo, emfim! Clarins e buzinas atroam.
E as canoas, na luz da manhã côr de rosa,
Pairam por um momento em pleno rio; aprôam
Para o sertão. E rompe a marcha vagarosa.

Nos barrancos, até rente d'agua investidos
De filhos a sorrir e de mãis a chorar,
Lancem as frouxas mãos e os olhos comovidos
O derradeiro adeus e o derradeiro olhar..

VII

Lonje, na solidão do campo undoso e verde,
O rio serpenteia. Em cada contorção
Mais se afasta. E a fugir, pouco a pouco se perde
No majestoso, vago, infinito sertão...

NO MAR LARGO

O' lua bemdita
Que vens clarear
A sombra infinita
Da noute no mar!

Como princeza encantada
Que um leve sonho conduz,
Surjes do mar, coroada
De um nimbo de ouro e de luz.

Surjes; e á tua presença,
O ceu, criado por ela,
De dentro da noute imensa
Surje, e se azula, e se estréla.

O' lua bemdita
Que vens clarear
A sombra infinita
Da noute no mar!

Surjida do mar infindo,
O infindo ceu te seduz
— Campo em flor que vês fuljindo
Em flores de ouro e de luz;

Teu passo, lento, caminha...
Onde vais? E' lonje? E' perto?
Sóbes, absorta e sozinha,
Pelo azul, vasto e deserto.

O' lua bemdita
Que vens clarear
A sombra infinita
Da noute no mar!

Lua, lua, não te apresses:
Mais sóbes, mais se reduz
No alvor em que empalideces
Teu nimbo de ouro e de luz..

Onde o teu sonho te arrasta?
A que destino? A que termo?
Segues... A noute é tão vasta
Pelo azul do ceu tão ermo...

O' lua bem dita
Que vens clarear
A sombra infinita
Da noute no mar!

Tão alto que tu subiste!
Tão lonje!... Do ceu a flux,
Vagueias, palida e triste,
Entre as flores de ouro e luz...

Como entristece da tua
Ausencia, ou das tuas maguas
O mar que deixaste, ó lua,
Lua surjida das aguas!

O' lua bem dita
Que vens clarear
A sombra infinita
Da noute no mar!

Como uma lagrima prestes
A rolar, pairas suspensa
La dos páramos celestes,
La do azul da noute imensa:

De todo o ceu luminoso
Sobre todo o escuro mar
Déce o alvor silencioso
Do luar...

E o mar, sob a triste alvura
Desse livido sudario,
Ermo e vago, se afigura
Mais vago, mais solitario...

O' linda princeza
Que vens aumentar
A imensa tristeza
Da noute no mar!

DESLUMBRAMENTO

Quanto durou essa ilusão perdida,
Esse amor, esse encanto, essa alvorada?
Dias ou mezes, não o sei, querida :
Foi um clarão que me passou na vida,
Sei que fulgiu, sei que passou, mais nada.

Durante o arroubo da paixão, quem ha de
Notar o tempo que a fugir se esgueira?
No amor, ventura ou infelicidade,
Uma esperança doura a vida inteira,
Um desengano é toda a eternidade.

No absorto enlevo desse amor tão raro,
No estase dessa adoração radiosa,
Passava o tempo ? Nunca puz reparo :
A madrugada era um botão de rosa
Desabrochando em teu sorriso claro ;

Havia noutes? Ainda agora penso
No olhar de uns olhos negros — céu imenso
De estio em noute sonhadora e calma,
Céu luminoso, a palpar, suspenso
Sobre essa terra em flor que era a minh'alma;

Fosse inverno ou verão, ou noute, ou dia,
A natureza inteira, humilde escrava
Dos arroubos da minha fantasia,
Em cada voz — o teu louvor cantava,
Do teu fulgor — toda resplandecia.

Sim, esse sonho esplendido — vivi-o!
Quando? E quanto durou? Bem pouco importa...
A minha vida, agora, é como um rio
Que leva á tona, sob um céu sombrio,
A murcha flor de uma esperança morta.

“Ah, quem assim me fala ama-me ainda”,
Dirás comtigo. Em alta voz o négo:
Que resta em nós deessa ezistencia finda?
Tu, sempre encantadora e sempre linda,
E's a mesma, talvez... mas eu estou cégo.

Amei-te, já não te amo. Não, de certo.
Tu foste uma miragem deslumbrante
Que em meu sonho feliz sonhei tão perto,
E desfez-se, deixando-me diante
Da tristeza vazia do deserto.

O amor de que te amei tão loucamente
Era como um olhar que o céu alcança:
Para ti, alto céu resplandecente,
Todo se erguia, no estase de um crente,
Feito de adoração — e de esperança.

E hoje, que para toda a eternidade,
Eu despertei do sonho de um momento,
Hoje, na sombra, penso com saudade
Que o teu encanto era uma claridade
E o meu amor foi um deslumbramento.

A VOZ DO SINO

I

Tarde triste e silenciosa
De vila de beira-mar:
Uma tarde cor de rosa
Que vai morrendo em luar...

Ao lonje, a varzea scintila
De uns restos de sol poente;
Mas, por sobre toda a vila
— Do morro a que fica rente
Dece uma sombra tranquila —
E anoitece lentamente.

Não aparece viv'alma.

Nem rumor da natureza,
Nem éco de voz humana
Perturba a infinita calma,
A solitaria tristeza
Da pobre vila praiana.

Nem se ouve o mar, lonje, e manso.

A tudo, em redor, invade
Um ar de mole descanso...

Silencio... Imobilidade...

Como que, interrompida,
A correnteza da vida
Fez neste ponto um remanso.

De subito, rumoreja
Violentemente o ar:
Na torrezinha da igreja
Rompe o sino a badalar.

Ponho-me atento, a escutal-o:
Que diz, alto e repentino,
Esse bater de um badalo
Num sino?

Badalo que assim badalas
No sino que assim resoa,
Aves, já nenhuma voa:
Dormem; e vais acordal-as
A' toa...

Vais espantar quanta moça
Ahi pelos arredores
Depois de um dia de roça,
De enxada e de soalheira,
Dedica a tarde ligeira
A tarefas bem melhores:

Pelas discretas beiradas
De alguma fonte; fiadas
Na proteção pitoresca
De ramajens, folhas, flores;
Que fazem elas? Coitadas,
Bebem, nas mãos, agua fresca...
Lavam as caras tostadas...
Ou cuidam dos seus amores...

Badalo que assim badalas
No sino que assim resoa,
Olha que vais espantal-as
A' tóa...

Badalas... E eu que te falo
Não sei e nem imagino
Que pretendes tu, badalo,
A bater, bater no sino.

Talvez convoques á ceia
Pescadores que, lidando,
Nem viram que entardeceu;
Algum se estendeu na areia
A descansar; sinão quando,
De cansado adormeceu...

Badala-me assim, badala:
Esperta este dorminhoco;
Que ou ele, acordando, abala,
Ou fica dormindo — e em troco
Da sua madraçaria,
Chegando á casa atrazado
Acha no fogo apagado
A caldeirada já fria.

Badalo que assim badalas
No sino que assim atroa,
Porque é que tão alto falas
A' tóa?

A andar com menos demora
Talvez tua voz compila
Certo rei dos mandriões
Encarregado em má hora
De, nas trez ruas da vila,
Acender os lampeões...

Chamas, talvez, ao seu posto...
Quem? algum camaroeiro
Retardado e mal disposto
A seguir para o pesqueiro?

Badala-lhe que é sol posto,
Que a lua cheia está fóra,
Que, com pequena demora,
Vai a maré a vazar:
Para chegar á costeira
Tem ele uma legua inteira
De caminho a caminhar,
Vencendo-a de combro em combro,
De atoleiro em atoleiro,
Com o remo e o puçá no hombro
E, na mão, o candieiro..

Ruidoso sino da vila !
E é por cousas tão vulgares
Que atroas assim os ares
De uma tarde tão tranquila?

II

Badalo que assim badalas...
Que voz de repente soa
Acompanhando-te as falas
A' tóa?

E' voz de gente que canta...
De gente... E parece tanta...

Da humilde igreja irradia
E para o ceu se alevanta
A reza da *Ave, Maria*.

As vozes e as badaladas
Confundem-se.. Misturadas
Nò fervor da mesma prece,
Sóbem juntas para o ar
Onde a lua resplandece
E a noute, imensa, parece
Feita do alvor do luar...

Sobre a soleira da porta
Da casa pegada á minha,
Vejo sentada a vizinha:
Moça, e bonita... Que importa ?

Tem nos braços o filhinho;
Fala-lhe, toda carinho;
Ele ouve; sorri; depois,
Responde-lhe, balbucia...
E, de mãos postas, os dois
Murmuram a *Ave, Maria*.

Ante meus olhos perpassa
Uma visão: imajino
Maria, cheia de graça,
Jesus, loiro e pequenino.

Uma tarde cor de rosa...
Uma vila assim modesta,
Assim tristonha como esta...
De pescadores, tambem...
Sobre a planicie arenosa
Por onde o Jordão deriva
Pousa a sombra evocativa
Das montanhas de Sicheem...

A' porta de humilde choça,
Uma mulher... Quem é ela?
E' pobre... é joven... é bela...
E é Mãi: comovida, a espaços
O seu sorriso se adoça,
O seu olhar se ilumina
Para a figura divina
Do filho que tem nos braços.

Mostra-lhe, á noute que estréla
O ceu e que a terra ensombra,
Como a terra é toda sombra
Como o ceu é todo luz...
E o filho, enlevado nela,
Em estase balbucia...
A primeira *Ave, Maria*
Quem a rezou foi Jesus.

Sigo o meu sonho... Imagino
Que, por todas essas roças
Aonde chega a voz do sino,

A sombra triste das choças
Frouxamente se alumia
Da vela de cêra aceza
Ante uma Virgem Maria
Tendo nos braços Jezus.

E' a hora augusta da reza..

Mães, pobres mãis andrajosas
De filhinhos semi-nus,
No chão de terra ajoelhadas,

Dizem cousas misteriosas,
Palavras entrecortadas
De magua que se lastima,
De supplica, e de esperança

A essa outra Mãi que, lá em cima,
Na gloria do ceu, descansa
Do que passou neste mundo.

Ela que, com o mesmo eterno
Requinte do amor materno,
Sorriu a Jezus criança,
Chorou Jezus moribundo,

La, do alto ceu infinito,
Olha com olhos de Santa
E de Mãi que já sofreu
Tanto coração aflito
Que se volta para o seu.

Na roça a miseria é tanta...

Quanta pobre gente, quanta,
Expia o ser mal nacida
Cumprindo a pena da vida
Como pregada a uma cruz;

E, na angustia que a quebranta,
Somente espera e antegosa
A proteção milagrosa
Da Virjem Mãi de Jezus!

Na roça a miseria é tanta...

E cada choça sombria
Para o claro ceu levanta
A reza da *Ave, Maria*.

Não, tu não falas á toa :
Errei, confesso-o... Perdoa,
O' sino humilde da vila,
Que assim badalas, badalas,
Na paz da tarde tranquila;
O' sino, que tambem rezas,
O' sino que tanto falas
A' terra, toda asperezas,
Como ao ceu, todo luar,
Chamando, com o mesmo zelo
Cada infeliz — a rezar,
Nossa Senhora — a atendel-o.

Consolador de tristezas!
Semeador de esperanças!

Aqui nestas redondezas
Não ha vida tão bonanças
Nem casebre tão remoto
Onde quanto o sino diz
Não abençoe um devoto,
Não console um infeliz..

Por essas varzeas tão ermas
Onde, perdidas e sós,
Ha tantas almas enfermas
De desesperos sem voz,

Onde tanto desdenhado
De Deus que de certo o olvida,
Vive, até morrer, vergado
Ao peso da propria vida,

Vais chamar em altos gritos
— Como si fosse a um dever —
Desamparados e aflitos
— Para o consolo de crer.

E de casebre em casebre
Onde gente, a vida inteira,
Vive de trabalho e febre,
Morre de fome e canseira,

Afirmas á angustia surda
Do misero tabareu
Que o brejo em que ele chafurda
— E' um caminho para o ceu.

A cada pobre praiano
Que, na sua dura lida
De afrontar o largo oceano,
Vive de arriscar a vida,

Tu, consoladoramente,
Falas para lhe lembrar
Que ha quem reze por a gente
— E ha ceu por cima do mar...

Da mesma igreja alvadia
Evolam-se as badaladas
E a reza da *Ave, Maria*.

Evolam-se... Misturadas,
Sobem juntas para o ar
Onde, palida e sozinha,
Tão alva, que resplandece,
Tão só, que vai a sonhar,
Caminha a lua, caminha,
E o ceu, imenso, parece
Feito de sonho e luar...

Humilde sino da vila,
Que assim badalas, badalas,
Na paz da tarde tranquila;

Não, tu não falas á toa:

Percebo o que e a quem falas...

Perdoa!

SONETOS

I

A um poeta moço

Desanimado, entregas-te, sem norte,
Sem relutancia, á vida; e aceitas d'essa
Torrente que te arrasta — a só promessa
De ir lentamente desaguær na morte.

Que póde haver, em suma, que te impeça
De seguir o teu rumo contra a sorte?
Sonha! e a sonhar, e assim armado e forte,
Vida e maguas, incólume, atravessa.

Ouve: da minha estinta mocidade
Eu, que já vou fitando ceus desertos,
Trouxe a consolação, trouxe a saudade,

Trouxe a certeza, enfim, (se ha sonhos certos)
De ter vivido em plena claridade
Dos sonhos que sonhei de olhos abertos.

II

Não me culpeis a mim de amar-vos tanto
Mas a vós mesma, e á vossa formosura:
Que, si vos aborrece, me tortura
Ver-me cativo assim do vosso encanto.

Enfadaí-vos. Parece-vos que, em quanto
Meu amor se lastima, vós censura:
Mas sendo vós comigo aspera e dura
Que eu por mim brade aos ceus não causa espanto.

Si me quereis diverso do que agora
Eu sou, mudai; mudai vós mesma, pois
Ido o rigor que em vosso peito mora,

A mudança será para nós dois:
E então podereis ver, minha senhora,
Que eu sou quem sou por serdes vós quem sois.

III

Enganei-me supondo que, de altiva,
Desdenhosa, tu vias sem receio
Desabrochar de um simples galanteio
A agreste flor desta paixão tão viva,

Era segredo teu? Adivinhei-o;
Hoje sei tudo: alerta, em defensiva,
O coração que eu tento e se me esquiva
Treme, treme de susto no teu seio.

Errou quem disse que as paixões são cegas;
Veem... Deixam-se ver... Debalde insistes;
Que mais defendes, si tu'alma entrégas ?

Bem vejo (vejo-o nos teus olhos tristes)
Que tu, negando o amor que em vão me negas,
Mais a ti mesma do que a mim resistes.

IV

Uma impressão de D. Juan

Gastei no amor vinte anos — os melhores,
Da minha vida pródiga: esbanjei-os
Sem remorso nem pena, em galanteios,
Colhendo beijos, desfolhando flores.

Quentes olhares de olhos tentadores,
Suspiros de paixão, arfar de seios,
Conheci-os, buscaram-me, gozei-os...
Li, folha a folha, o livro dos amores.

Quanta lembrança de mulher amada!
Quanta ternura de alma carinhosa!
Sim, tanto amor que me passou na vida!

E nada sei do amor... Não, não sei nada,
E cada rosto de mulher formosa
Dá-me a impressão de folha inda não lida.

SONHO PÓSTUMO

I

Poupem-me, quando morto, á sepultura: odeio
A cova, escura e fria.
Ah! deixem-me acabar alegremente, em meio
Da luz, em pleno dia.

O meu ultimo sono eu quero assim dormil-o:
— Num largo descampado,
Tendo em cima o esplendor do vasto céu tranquilo
E a primavera ao lado.

Bailem sobre o meu corpo azas tremulas, azas
Palpitando de leve,
De insectos de ouro e azul, ou rubros como brazas,
Ou claros como neve.

II

A louza tumular o corpo fecha e cobre
De sombra e de abandono,
E paira, horrível como um pezadelo, sobre
O derradeiro sono...

E', de certo, pior que a morte ; desconforto
E', por certo, mais triste :
A morte mata só — e não separa o morto
De tudo mais que existe.

Que é a morte, afinal, que tanto horror merece ?
— Mais um degráu da escada
Por onde eternamente a vida sóbe e desce
Do nada para o nada.

De entre moutas em flôr, oscilantes na arajem,
Humidas e cheirosas,
Espalhando em redor frescuras de folhagem,
E perfume de rosas.

Subam, jovializando o ar, canções suaves
— A musica sonóra
Em que parece rir a alegria das aves,
Encantadas da aurora.

E cada flôr que um galho acaso dependura
A' beira dos caminhos
Entreabra o seio ao sol, ás brizas, á doçura
De todos os carinhos.

Passa em redor de mim um fremito de gozo
E um calor de dezejo,
E sôe o farfalhar das arvores, moroso
Como o rumor de um beijo.

Palpite a natureza inteira, bela e amante,
Volutuosa e festiva.
E tudo vibre e esplenda, e tudo fulja e cante,
E tudo sonhe e viva.

A sepultura é noute onde rasteja o verme...
O' luz que eu tanto adóro,
Amortalha-me tu ! E possa eu desfazer-me
No ar claro e sonóro !

Pelo agitado mar sem praias do universo
O homem surge e deriva
Ao acaso, como um floco de espuma, emerso
De uma onda fujitiva.

Quando a morte o devolve ao seio que o gerara,
Sem que o estinga e consuma,
Funde-o na onda que vai rolando, e que não para
De erguer flocos de espuma.

O morto volve ao chão da terra bemfeitora
Desfeito em mil destroços,
E restitue-lhe assim tudo que em vida fôra :
— Carne vestindo uns ossos.

Só perde um sonho : o sonho apenas esboçado
No rapido transporte
Que o trouxe bruscamente impellido, empurrado
Do berço para a morte.

Sonho belo talvez, confuso com certeza,
Feito de rizo e pranto,
Feito de sombra e luz, de alegria e tristeza,
De encanto e desencanto.

Sonho que surge como um turbilhão, e passa
E acaba num momento
Como um rumor sem éco, um pouco de fumaça.
Espalhada no vento.

Tudo mais volta ao seio infinito desse horto
Que gera eternamente
A vida, e espera só que a morte, em cada morto.
Lhe atire uma semente.

III

Porque se arroja, pois, ao tumulto, fechado
— Como um carcere escuro —
A tudo quanto é belo e esplende ao sol dourado
Sob o céu claro e puro,

Porque se larga á sombra, e se condena á lama,
E se abandona ao verme,
Porque assim se castiga, e se repele, e infama
Um pobre-corpo inerme ?

Corpo que veio de uma esplozão de dezejo,
Encantado produto
De uma noute de amor — e que saiu de um beijo
Como, da flôr, o fruto ;

Corpo onde o olhar viveu para tudo que brilha
Para as couzas mais belas :
— A terra em flôr, o mar ao sol, a maravilha
Do céu cheio de estrelas;

Onde cada rumor em que a noute transborda
Sob o luar tristonho
Foi despertar um éco, e vibrar uma corda,
E acalentar um sonho ;

Corpo que tanta vez o aroma — essa carícia
Em que a flôr se consome —
Encantou de um prazer sutil, de uma delicia
Sem igual e sem nome ;

Onde o labio se abriu, humido como as rosas
Quando amanhece o dia,
Para o sorrizo, o beijo, e as couzas deliciosas
Que o amor pronuncia...

Condenado por fim á dispersão da morte,
O universo o reclama...
Entre tudo quanto ha, porque lhe dar por sorte
O desfazer-se em lama ?

IV

Oh ! deixai que o disperse o vento, aza ligeira
Em que sobe do chão,
Em que se eleva no ar tudo quanto é poeira
E decomposição.

Sim, deixai que o fecunde o sol, esse batismo,
Essa ablução de luz
De que surjem sorrindo em flôr -- bordas de abismo
E lamas de paúes.

Sim, deixai que o redima o orvalho, em que, de rastros,
No chão dos areiais,
A arjila, recebendo a comunhão dos astros,
Estrela-se em rosais.

Da materia imortal que ao acazo reunida
Pairou nesse apojeu :
A vida humana ; e após, de tão alto abatida,
Caiu e apodreceu,

Possa cada fragmento, e cada átomo possa
Obter o jubiléu
Em que, para o que é vil, se arrepende e se adoça
O mau humor do céu ;

Mau humor de que sai o verme, esse enjeitado,
Esse erro, o caracol ;
Que condena, que humilha o pó que é pó, ao lado
Do pó que é luz do sol ;

E que afinal se abranda e se penitencia
Naquela redenção
De que a noute resurje e se desmancha em dia
E o castigo em perdão.

A poeira se dispersa ; o charco se evapóra :
Perde-se o fumo no ar :
São feitos desse nada ouros fulvos de aurora,
Brancuras de luar...

V

Implacavel rancor do espirito á materia,
Da iluzão á verdade,
Do que sonha ao que vive... O' miseria, miseria !
O' vaidade, vaidade !

A alma insubmissa e vã supõe-se encarcerada
No corpo, essa prizão,
— Ilha de um rude mar, princeza desterrada,
Flôr caida no chão;

Considera-se como a fina assencia presa
Num vazo desprezado ;
Vê no corpo um montão de infamia e de torpeza,
De vicio e de pecado.

A morte — como um fim de cativo encara
— Um romper de manhã,
A hora da partida ansiosa e livre para
As terras de Canaan...

Alma, é louco o desejo altivo, em que te abrazas,
De céus nunca atinjidos :
Ai, que serias tu, passaro, sem as azas,
Alma, sem os sentidos ?

Nos olhos se esvazie o olhar, que te revela,
Que descobre... ou que faz
Tanta extensão de azul, tanto fulgor de estrela...
Alma, que sonharás ?

Alma, que sonharás, na silenciosa auzencia
Do som — emudecida
Para o teu devaneio a vaga confidencia
Dos sub-solos da vida ?

Em vão levantas no ar as tuas fantazias
E as tuas ambições ;
Architetas em vão tantas filozofias,
Tantas religiões...

Para mais desterrar na morte a carne, morta
Por fim, enfim vencida,
Inventaste o pavor de um carcere sem porta,
De um antro sem saída.

Inventaste-o de balde. O tumulto condena
O corpo á podridão,
Mas não te ezime a ti da mesma escura pena
De apodrecer no chão :

Sangue que o coração alvoroça e amotina,
Vibração provocada
Dos nervos, e depois... um sonho da retina...
E's tudo isso, e mais nada.

VI

O derradeiro sono, eu quero assim dormil-o :
 Num largo descampado,
Tendo em cima o esplendor do vasto céu tranquilo
 , E a primavera ao lado.

Amortalhe-me a noute estrelada ; arda o dia
 Depois, claro e risonho ;
E seja a dispersão na luz e na alegria
 O meu ultimo sonho.

A TERNURA DO MAR

No firmamento azul, cheio de estrelas de ouro
Ia boiando a lua indiferente e fria...
De penhasco em penhasco e de estouro em estouro,
Em baixo, o mar dizia :

“Lua, só meu amor é fiel tempo em fóra...
Muda o céu, que se alegra á madrugada, e pelas
Sombras do entardecer todo entristece, e chora
Marejado de estrelas ;

Ora em pompas, a terra, ora desfeita e nua
Como a folha que vai arrastada na briza —
Aos caprichos do tempo inconstante flutua
Indecisa, indecisa...

Desfolha-se, encanece em musgos, aos rigores
Do céu mostra a nudez dos seus galhos mesquinhos,
A arvore que viçou toda folhas e flôres,
Toda aromas e ninhos :

Coleras de tufão, pompas de primavera,
Céu que em sombras se esvai, terra que se desnuda,
A tudo o tempo alcança, e a tudo o tempo altera...
— Só meu amor não muda !

Ha mil anos que eu vivo a terra suprimindo :
Hei de romper-lhe a crôsta e cavar-lhe as entranhas,
Dentro de vagalhões penhascos submerjindo,
Submerjindo montanhas.

Hei de alcançar-te um dia... Embalde nos separa
A largura da terra e o fraguado dos montes...
Hei de chegar ahí de onde vens, nua e clara,
Subindo os horizontes.

Um passo para ti cada dia entezouro ;
Ha de ter fim o espaço, e o meu amor caminha...
Dona do céu azul e das estrelas de ouro,
Um dia serás minha !

E serei teu escravo... A' noute, pela calma
Rendilharei de espuma o teu berço de areias,
E ha de embalar teu sono e acalentar tua alma
O canto das sereias.

Quando a aurora romper no céu despovoado,
Tezouros a teus pés estenderei, de rastros...
Ser amante do mar vale mais, sonho amado,
Que ser dona dos astros.

Deliciando-te o olhar, afagando-te a vista,
Todo me tinjirei de mil côres cambiantes,
E abrir-se-á de meu seio a brancura imprevista
Das ondas arquejantes.

Levar-te-ei de onda em onda a vagar de ilha em ilha,
Tranquilas solidões, ermas como atalaias,
Onde o marulho canta e a salsujem polvilha
A alva nudez das praias.

Ao lonje, de repente assomando e fujindo,
Alguma vela, ao sol, verás alva de neve :
Teus olhos sonharão enlevados, seguindo
Seu vôo claro e leve ;

Sonharão, na delicia indefinida e vaga
De sentir-se levar sem destino, um momento,
Para além... para além... nos balanços da vaga,
Nos acazos do vento.

Far-te-ei vêr o paiz, nunca visto, da sombra
Onde cascos de naus arrombadas, a espaços
Dormem o ultimo sono, estendidos na alfombra
De algas e de sargaços.

Opulentos galeões, pelas juntas rotas,
Vertem ouro, trofeus inuteis, vis monturos,
Que foram conquistar ás praias mais remotas,
Pelos parceis mais duros :

Flámula ao vento, prôa em rumo ao largo, velas
Desfraldadas, varando ermos desconhecidos,
Rudes ondas, tufões brutaes, turvas procelas,
Sombra, fuzis, bramidos,

Todo o estranho pavor das aguas afrontando,
Altivos como reis e leves como plumas,
Iam de golfo em golfo, em triunfo arrastando
Um esteira de espumas.

Eil-os, carcassas vis d'onde o ouro em vão supura,
Esqueletos de heróes... dei-os em pasto á fome
Silenciosa e sutil da multidão obscura,
 Dos moluscos sem nome.

Essa estranha rejão nunca vista, has de vê-la,
Onde, numa bizarra ezuberancia, a flora
Rebenta pelo chão perolas côr de estrela
 E conchas côr de aurora ;

Onde o humilde infuzorio aspira ás maravilhas
Da gloria, sonha o sol, e, dos grotões mais fundos
De meu seio, levanta a pouco e pouco as ilhas,
 Arquipelagos, mundos...

Lua, eu sou a paixão, eu sou a vida... Eu te amo.
Paira, lonje, no céu, desdenhosa rainha !...
Que importa ? O tempo é vasto, e tu, bem que reclamo !
 Um dia serás minha !

Embalde nos afasta e embalde nos separa
A largura da terra e o fraguado dos montes :
Hei de chegar ahi de onde vens, nua e clara,
 Subindo os horizontes..."

.....

Na quietação da noute apenas tumultua
Quebrada de onda em onda a voz brusca do mar :
Corta o silencio, ajita o socego, flutua
E espalha-se no luar...

OMNIA VANITAS

Pois cheio de ambição e de confiança
Tu a vida começas
(A vida,
Tão farta das riquezas da esperança
Tão prodiga em promessas
— Enquanto não vivida);

Que pedes ao Futuro ? Em que consiste
O esplendido tezouro
Que esperas encontrar
— Argonauta feliz — nessa ilha de ouro
Que vês, que buscas, e que não existe
Sinão em teu olhar ?

A tudo mais preferes a Opulencia ?
Pede-lh'a ; ha Crésos ; correm loterias ;
E é facil a sciencia
De descobriç em autos de inventario
O encanto, as louçanias,
Da herdeira de algum morto .milionario.

Queres a gloria ? Pede-lh'a : procura
 Caminho (e ha cem, á escolha)
Para algum desses cumes teatraes
Onde quem os atinje faz figura
 — De bôlha
Soprada das columnas dos jornaes.

Sonhas o Amor ? Pois pede-lh'o : na eleita
 Dos teus olhos, realiza
A só conquista digna de um desejo.
Pede-lh'o ; obtem-n'o ; e, deslumbrado, aceita
Daquela que o teu sonho diviniza
A efemera ambrozia do seu beijo.

Mas si pretendes ser feliz apenas,
Não lhe peças apenas isso tudo :
 Gloria, riqueza, amor ;
Pede mais ao teu prodigo Mecenaz ;
Pede mais, que não basta ; sobretudo
 Pede-lhe bom humor...

ROZA, ROZA DE AMOR

*Rosa, rosa de amor purpurea e bela,
Quem dentre os goivos te esfolhou da campa?*

GARRET.

I

(*Olhos verdes*)

Olhos encantados, olhos côr do mar,
Olhos pensativos que fazeis sonhar !

Que formosas couzas, quantas maravilhas
Em vos vendo sonho, em vos fitando vejo ;
Córtes pitorescos de afastadas ilhas
Abanando no ar seus coqueiraes em flôr,
Solidões tranquilas feitas para o beijo,
Ninhos verdejantes feitos para o amor...

Olhos pensativos que falais de amor !

Vem caindo a noute, vai subindo a lua...
O horizonte, como para recebê-las,
De uma fimbria de ouro todo se debrua ;

Afla a briza, cheia de ternura ousada,
Esfrolando as ondas, provocando nelas
Bruscos arrepios de mulher beijada...

Olhos tentadores da mulher amada !

Uma vela branca, toda alvor, se afasta
Balançando na onda, palpitando ao vento ;
Eil-a que mergulha pela noute vasta,
Pela vasta noute feita de luar ;
Eil-a que mergulha pelo firmamento
Desdobrado ao lonje nos confins do mar...

Olhos scismadores que fazeis scismar !

Branca vela errante, branca vela errante,
Como a noute é clara ! como o céu é lindo !
Leva-me contigo pelo mar... Adiante !
Leva-me contigo até mais lonje, a essa
Fimbria do horizonte onde te vais sumindo
E onde acaba o mar e de onde o céu começa...

Olhos abençoados cheios de promessa !

Olhos pensativos que fazeis sonhar,
Olhos côr do mar !

II

(*Manhã de sol*)

Na sombra do murtal, cujas flôres a leve
Arajem desgrinalda em turbilhões de neve,
Ela vagueia a sós... e como vai formosa !
Tem como uma frescura orvalhada de rosa
Na face... Em seu sorrizo amanhece. E' tão brando
O seu pizar, que o chão o acolhe suspirando.
— Eis o sol! — canta uma ave ao fitar-lhe a retina...
E por onde ela passa a sombra se ilumina.

Descuidada e feliz, entre as arvores ela
Erra á tôa. Sorrindo, as aves interpela.
Corre de flôr em flôr, salta de mouta em mouta,
Ora entre a ramaria o olhar travesso afouta

E tenta surpreender o segredo de um ninho ;
Ora scisma, fitando o vago desalinho
Em que toda palpita, em que se entrega toda,
A folhagem que o vento acaricia... Em roda,
Em tudo, vê um ar festivo de noivado,
Cada flôr abre ao sol o calice orvalhado,
Humido como um labio em que pouzasse um beijo...

E o seu passo é sutil, e erra como um adejo.

Surpreendo-a. Ela estaca, assustada, indecisa ;
Mal com os pézinhos nús o chão musgoso piza
Num ar de juriti prestes a abrir o vôo.
Tomo-lhe as mãos ; baixinho, ao seu ouvido, então
A atrevida canção do amor que tudo pede,
Do amor que não é mais do que um furor de sede,
Que é o amor afinal...

Toda a sua alma escuta,
Todo o seu corpo treme. Amante e irresoluta,
Quer ceder, e reziste ; abraza, e não se atreve...
E de subito, como a corça arisca e leve
Que sente o caçador e ouve silvar a bala,
Ela das minhas mãos bruscamente resvala,
Salta,foje-me...

Em vão. Salto-lhe em pós ; não tomba
Mais faminto um abutre em cima duma pomba.
Ela, sem rumo, vai e erra ao acaso, numa
Vaga trepidação, como ao vento uma pluma.
E o seu passo recorta o chão, que abaixa e alteia
Aqui um charco, adiante um cômodo de areia.

Aos poucos, a carreira afrouxa. Em cada passo
Mais e mais ela mostra a angustia do cansaço,
Arfa-lhe o seio : perde o folego ; tropeça ;
Pára...

Alcança-a o meu beijo. O noivado começa.

III

(Horas de amor)

Só vivo as horas que passo
Junto de ti, meu amor,
Tua cintura em meu braço,
Meu beijo em tua bôca em flôr...

Só assim vivo, querida,
Pois tudo mais não é vida.

*

Ventura que mal goteja,
Triste do amor que se esconde,
E só acha de onde em onde
Um acazo que o proteja ;

Só alcanço o teu carinho
Nesta sombra de folhagem.
Onde, como ave selvagem,
Nosso amor tem o seu ninho.

Por entre as moutas vagueio,
Caminho, páro, indeciso...
Virás ou não ? E agonizo
Entre a esperança e o receio.

Por toda a floresta, cheia
De um rumor vago e perdido,
Cuido escutar o ruído
Dos teus pézinhos na areia.

Volto-me sobresaltado
Só porque uma ave deteve
O vôo, e um ramo, de leve,
Estremeceu ao meu lado.

E enquanto na sombra curto
Essa impaciencia hesitante
Por ternuras de um instante,
Por beijos dados a furto,

Cheio de inveja reparo
Nas borboletas que em bando
Passam felizes, amando
Na plena luz do sol claro...

Ventura que mal goteja,
Triste do amor que se esconde,
E só acha de onde em onde
Um acazo que o proteja.

Amor que a sombra encarcera,
E foje ao sol e ás estradas...
Fôssemos nós de mãos dadas
Pela vida e a primavera !

*

De subito, ouço teus passos :
De entre folhagens de arbusto
Olhas, tremula de susto,
Cáis palpitante em meus braços.

E como a cançada abelha
Que suga a flôr, e adormece,
Meu beijo pouza, e se esquece
Em tua bôca vermelha...

*

Lógro só de espaço a espaço
Algum momento de amor,
Tua cintura em meu braço,
Meu beijo em tua bôca em flôr.

Ai, eu só vivo querida,
Pedacos da minha vida...

IV

(Primeira sombra)

— Mal me quer... bem me quer...

— Será preciso

Que uma flôr assegure o que digo e tu vês ?

O meu olhar, pouzando em teu sorriso,
Mostra-te que és amada e adivinha que o crês.

— Mal me quer... bem me quer...

— E, comovida,

Tremes, como esperando numa sentença atroz...

Supões que espalhe a noute em nossa vida
A sombra de uma flôr perpassando entre nós ?

— Mal me quer... Mal me quer... Desde hontem quando
Faltaste, adivinhei tudo que a flôr me diz.
Tenho-te junto a mim e fito-te chorando ;
Beijas-me ainda, e já não sou feliz.

Sinto que és meu, aperto-te em meus braços
E, no pavor de um sonho angustiado e sem fim,
Ouço como um rumor fujitivo de passos
Que te afastam de mim...

Dize que estou sonhando, que estou louca !
Jura que sou feliz, que os teus dias são meus,
E que o beijo que ainda orvalha minha bôca
Não é tua alma que me diz adeus.

A amorosa doçura do teu verso
Ecoou em minha alma ; em teu verso aprendi
A soletrar o amor, o Amor — esse universo
Radioso, imenso, e resumido em ti.

A tua voz chamou-me ; eu escutei-a
E segui-a, ditosa, a sorrir e a sonhar...
Fala-me ainda de amor ! Não te cales, sereia
Que me atraiste para o azul do mar !

Minha alma, envolta em trapos de mendiga,
Vai seguindo, no chão, do teu passo o rumor.
Não me deixes ! Serei a sombra que te siga
Sem indagar onde me leva o amor.

Não me abandones ! Ama-me ! A risonha
Aurora inunda o céu todo afogado em luz...
Sou formosa, sou moça, amo-te... Ama-me ! Sonha,
Pousada a frente nos meus seios nós !

Que alegre madrugada côr de roza,
Ser amada por ti, claro sol que tu és !
Eu dei-te a minha vida. E' tua. Esbanja-a, goza
Toda esta primavera estendida a teus pés.

Bem amado que, como um passaro num ramo,
Vieste acazo pouzar o vôo no meu seio,
Não me deixes ! Eu quero ouvir ainda o gorjeio
Em que teu beijo é que dizia : "Eu te amo"!

V

(A flôr e a fonte)

“Deixa-me, fonte” ! Dizia
A flôr, tonta de terror.
E a fonte, sonora e fria,
Cantava, levando a flôr.

“Deixa-me, deixa-me, fonte” !
Dizia a flôr a chorar :
“Eu fui nacida no monte...
“Não me leves para o mar”.

E a fonte, rapida e fria,
Com um sussurro zombador,
Por sobre a areia corria,
Corria levando a flôr.

“Ai, balanços do meu galho,
“Balanços do berço meu ;
“Ai, claras gotas de orvalho
“Caidas do azul do céu !...”

Chorava a flôr, e gemia,
Branca, branca de terror,
E a fonte, sonora e fria,
Rolava, levando a flôr.

“Adeus, sombra das ramadas,
“Cantigas do rouxinol ;
“Ai, festa das madrugadas,
“Doçuras do pôr do sol ;

“Caricia das brizas leves
“Que abrem rasgões de luar...
“Fonte, fonte, não me leves,
“Não me leves para o mar !...”

*

As correntezas da vida
E os restos do meu amor
Resvalam numa descida
Como a da fonte e da flôr...

VI

(Desiludida)

Sou como a corça ferida
Que vai, sedenta e arquejante,
Gastando uns restos de vida
Em busca da agua distante.

Bem sei que já me não ama,
E sigo, amorosa e aflita
Essa voz que não me chama,
Esse olhar que não me fita.

Bem reconheço a loucura
Deste amor abandonado
Que se abre em flôr, e procura
Viver de um sonho acabado ;

E é como a corça ferida
Que vai, sedenta e arquejante,
Gastando uns restos de vida
Em busca da água distante :

Só, perdido no deserto,
Segue empós do seu carinho :
Vai se arrastando... e vai certo
Que morre pelo caminho.

VII

(Saudade)

Belos amores perdidos,
Muito fiz eu com perder-vos ;
Deixar-vos, sim; esquecer-vos
Fôra de mais, não o fiz.

Tudo se arranca do seio,
— Amor, desejo, esperança...
Só não se arranca a lembrança
De quando se foi feliz.

Roseira de tanta rosa
Roseira de tanto espinho
Que eu deixei pelo caminho
Aberta em flôr, e parti :

Por me não perder, perdi-te :
Mas mal posso assegurar-me
— Com te perder e ganhar-me,
Si ganhei, ou si perdi...

VIII

(Serenata)

Pela vasta noute indolente
Voga um perfume estranho.
Eu sonho... E aspiro o vago aroma ausente
Do teu cabelo castanho.

Pela vasta noute tranquila
Pairam, lonje, as estrelas.
Eu sonho... O teu olhar tambem scintila
Assim, tão lonje como elas.

Pela vasta noute povoada
De rumores e arquejos
Eu sonho... E' tua voz, entrecortada
De suspiros e de beijos.

Pela vasta noute sem termo,
Que dezerto sombrio!
Eu sonho... Inda é mais triste, inda é mais ermo
O nosso leito vazio.

Pela vasta noute que finda
Sóbe o dia risonho...
E eu cerro os olhos para vêr-te ainda,
Ainda e sempre, em meu sonho.

IX

(O dia seguinte do amor)

Aves fújidas que passais em bando
Pelo azul da tarde sobre o azul do mar,
Aves fújidas que passais cantando,
Que fazeis? Passar.

De repente surjis. No vasto céu
Um turbilhão de alvura de repente crece;
Passa, afasta-se, e ao lonje, e como apareceu
Desaparece.

Brancura macia de plumas, rumor leve
De azas que ruflam devagar,
Passais como flocos de neve
Que sussurram no vento e se desfazem no ar.

De tudo isso que resta? Um quase nada : apenas
Em meu olhar distraído
A vaga impressão de uma alvura de penas,
E o éco de um rumor cantando em meu ouvido.

Sonhos de amor, perfumados
Do aroma da flôr da laranjeira,
Botões de rosa desabrochados,
Em goivos, desfeitos na lama e na poeira;

Sonhos do olhar namorado
Ao descobrir, como um triunfador,
Todo enlevado, todo enlevado,
Que uns seios de marmore arquejam de amor;

Sonhos do ouvido, escutando
O injenuo amor que se revela emfim
Involuntariamente, quando
Em frases que negam a voz diz que sim;

Sabor do primeiro beijo
Que mal pousa, medroso, leve, leve,
Num rosto virjem onde o pejo
Semeia de rosas brancuras de neve;

Sonhos de amor, sois como a rosa
Que, nem bem colhida,
Perde a frescura que a tornou formosa,
Perde o perfume que a tornou querida.

Primavera vivida

De amar e ser amado aos vinte anos em flôr,
Entrada triunfal do coração na vida,
Amor, amor, amor !

Rapida travessia

De um mar azul, rasgado entre rochedo nús
Nos quaes se ignora o amor, ou a alma se enfastia...
Rejião lavada em luz

Entre esses dous extremos

Tão proximos — o olhar que ainda não sabe vêr
E o que vê — triste fim dos encantos supremos !
O que vale a mulher ;

Mirajens do desejo, enlevos da esperança,
Só é feliz o amor que espera e não alcança.

Infinita doçura, inegalavel cousa,
Contato delicioso, inefavel pressão
Da mão amada quando encontra a nossa mão
E, brandamente, e como achando um ninho, pouza ;

O' labios da mulher palpitante de amor,
O' labios que humidece o orvalho do desejo,
Dôces labios servis onde abotôa o beijo,
Prestes a se deixar colher como uma flôr ;

O' seios brancos onde a paixão, a ofegar,
Chama a paixão, atrái a carne, acena ao gozo ;
O' seios brancos onde uns olhos de amoroso
Vêm reflexos do céu na ondulação do mar ;

Encantos da mulher amada; comovidos
Deslumbramentos; gosto indizível, sabor
Da única hora feliz de toda a vida; amor,
Sonho em que a alma é que sente o gozo dos sentidos;

No coração que de vós se alvoroça
Resplandeceis, mirajens, enganos,
De uma luz que não é vossa...
Que é só dos nossos vinte anos.

Tremulas maretas que passais boiando
Pela flôr das ondas nos parciais do mar;
Tremulas maretas que alvejais cantando,
Que fazeis ? Passar.

De repente surjis... No mar sem fim
Um turbilhão de alvura de repente crece;
Passa; afasta-se; e como apareceu, assim
Desaparece.

Brancura brilhante de espumas, sons velados
Da agua no açude de um pomar,
Passais, desfeitos, desmanchados
Na tristeza sonora das ondas do mar.

De tudo isso que resta? Ai, quaze cousa alguma:
Em meu olhar distraído
A vaga impressão de alguns flocos de espuma
E o éco de um rumor cantando em meu ouvido...

X

(*Ultima confidencia*)

- E si acaso voltar? Que hei de dizer-lhe, quando
Me perguntar por ti?
- Dize-lhe que me viste, uma tarde, chorando...
Nessa tarde parti.

- Si arrependido e ancioso ele indagar: “Para onde?
Por onde a buscarei?”
- Dize-lhe “Para além... para lonje...” Responde
Como eu mesma: “Não sei”.

Ai, é tão vasta a noute! A meia luz do ocaso
Desmaia... anouteceu...
Onde vou? Nem eu sei... Irei seguindo ao acaso
Até achar o céu...

Eu cheguei a supôr que possivel me fôsse
Ser amada — e viver.
E não facil a morte... Ai, seria tão dôce
Ser amada... e morrer !...

Ouve : conta-lhe tu que eu chorava, partindo,
As lagrimas que vês...
Só conheci do amor, que imaginei tão lindo,
O mal que ele me fez.

Narra-lhe transe a transe a dôr que me consome...
Nem houve nunca igual !
Conta-lhe que eu morri murmurando o seu nome
No soluço final !

Dize-lhe que o seu nome ensanguentava a bôca
Que o seu beijo não quiz :
Gólfa-me em sangue, vês? E eu murmurando-o, louca!
Sinto-me tão feliz !

Nada lhe contes, não... Poupa-o... Eu quasi o odeio,
Oculta-lh'ô ! Senhor,
Eu morro!... Amava-o tanto... Amei-o sempre... Amei-o
Até morrer... de amor.

NOTAS

(DA 1.a EDIÇÃO, 1908)

(a)

.
Na escolha das poezias aqui reunidas adotou o autor como criterio preferir as que lhe pareceram exprimir menos mal, isto é, em frases simples e corredias, com imajens sóbrias e mais ou menos claras e fieis, idéas concebidas com lojica, sentimentos sinceros, impressões recebidas. A poezia, como sempre ambicionou o autor deste livro realizal-a nos limites ao seu alcance, deve ser, antes de tudo, couza que se entenda. Si neste livro ha estravagancias aparatosas, quer de idéas abstrusas, quer de sentimentos artificiaes, ou de frases complicadas, ou de palavras meramente decorativas, a elas resvalou o autor sem o perceber e a contra gosto; e disso se penitencia humildemente.

(c)

Paj. 4 *Eu cantarei de amor tão fortemente...*

Este primeiro verso de um dos sonetos do livro é quaze repetição do primeiro verso do II soneto de Camões; mas nisso se resume a semelhança entre as duas

composições, como se verificará relendo aqui a do altíssimo poeta :

*Eu cantarei de amor tão dôcemente
Por uns termos em si tão concertados,
Que dous mil accidentes namorados
Faça sentir ao peito que não sente.*

*Farei que amar a todos avivente
Pintando mil segredos delicados
Brandas iras, suspiros magoados,
Temerosa ouzadia, e pena, ausente.*

*Tambem, senhora, do desprezo honesto
De vossa vista branda e rigorosa
Contentar-me-hei dizendo a menor parte*

*Porém para cantar de vosso gesto
A composição alta e milagrosa,
Aqui falta saber, engenho, e arte.*

(e)

Paj. 67 *O ouro leve do sol bubuia á toa...*

No seu *Dicionario de vocabulos Brasileiros*, o Visconde de Baurepaire Rohan, citando Couto de Magalhães e José Verissimo, consigna o verbo *bubuiar* como significando — *flutuar no sentido da corrente*. Tem esse verbo, como se vê, expressão mais complexa do que o comum *boiar*; e ao autor pareceu ele mais expressivo do que este ultimo para descrever o movimento das manchas de sol mosqueando a ondulação da relva — pelas abertas da floresta sacudida da arajem.

(f)

Paj. 69 *Alcateia uzurpando a fórma e a face humana...*

Apezar de ser de uso vulgarissimo em classicos da lingua, e liberdade aceita de boa cara pelos mais carrancudos gramaticos, não ouzaria talvez o autor fazer, como nesse verso fez, concordar com um só o adjetivo que qualifica dous substantivos, si não se sentisse apoiado nisso pelo ezemplo de Camões no Cant. I estrofe LXXVII dos *Luziadas* :

Onde vestindo a *forma e gesto humano...*

(g)

Paj. 223 *Sonho póstumo*

O autor não está bem certo de que a um poeta corra obrigação rigorosa de justificar as concepções de sua fantasia. Seja como fôr, apraz-lhe citar em abono da concepção geral da poezia *Sonho póstumo* — que a alguns talvez pareça estravagante — as palavras de um dos mestres da sciencia contemporanea. Na sua obra *Lettres d'un voyageur dans l'Inde* (trad. franceza de Letourneau, 1883), a propósito dos ritos funerarios dos Parsis de Bombaim, que entregam os cadaveres dos seus á decomposição ao ar livre “sobre um dos pontos mais elevados e mais lindos da crista rochosa do Malabar-Hill, deante de um panorama esplendido, num jardim coalhado de esbeltas palmeiras e luxuriantes plantas tropicaes em flôr” — escreve Ernesto Hoeckel á paj. 68 :

“ Ce mode de sepulture semble revoltant à la plupart des Européens, et, dès l'antiquité classique, on considerait comme le plus grand des outrages de li-

“ vrer un cadavre en pature aux vautours. Mais, aux
 “ yeux du zoologiste, habitué à scruter les phénomènes,
 “ il semble plus poetique, plus conforme même à l’es-
 “ thétique, de voir un corps bien aimé depecé en quel-
 “ ques instants par le bec puissant des oiseaux de
 “ proie que de le voir abandoné a ce lent phenomene
 “ de decomposition, à ces rebutantes morsures de vers,
 “ qui font du mode de sepulture de nos peuples ci-
 “ vilisés quelque chose de si terrible, de si dégoûtant,
 “ et de si contraire aux lois de l’hygiène... Mais que
 “ ne peut faire adopter le doux effort de l’habitude,
 “ ce levier si puissant de l’adaptation !”

(h)

Paj. 154 *Alma apenas capaz de adejar, fujidiça,
 Em vôos leves de uma asa de beija-flor,
 E obrigada a pairar nas regiões da justiça
 Como um corvo que sóbe ao céu todo esplendor
 Para, do alto, melhor lobrigar a carniça...*

Esses versos foram escritos em 1904 ou 1905, antes de ser o autor magistrado, que hoje é, e quando ezercia a profissão de advogado.

A observação convem talvez, ainda que menos necessariamente, á estrofe que, na mesma poesia, figura á paj. 156.

*Na solidaão do mato esqueço, ignoro — em suma:
 Sou feliz. Dou sueto a esta alma de aluguel
 Que vive de auto em auto a desfazer-se em espuma;
 E, livre do canudo atroz de bacharel,
 Passo orgulhosamente a ser couza nenhuma.*

(DA 2.a EDIÇÃO 1909)

Paj. 136 *Abril, sorrindo em flor pelos outeiros...*

Tem sido varias vezes censurada a poetas brasileiros o deslocarem, por mera sugestão literaria, para os mezes da primavera europea a nossa. E' sabido que em nossos climas — falo da rejão tropical em que figura São Paulo — campos e matas florecem de Setembro a Novembro, com os primeiros calores e as primeiras aguas. E' certo, entretanto, que, no litoral sobretudo, ha em Abril e Maio uma segunda e porventura mais soberba primavera no sentido de *estação das flores*, na qual, sob um céu deliciosamente claro as varzeas reflorece com ezuberancia. Em Abril e Maio podem-se notar nas varzeas e encostas de beira-mar numerosas especies de plantas profusamente floridas — arbustos, trepadeiras, ou hervas; e nessa rica florescencia em que as cores se destacam ou se misturam, desde o branco de neve até ao amarelo de ouro, avultam pela abundancia que invade troncos, ramadas e folhagens, a *flor de Maio*, tão cheirosa, a do manacá, de um roxo carregado, e as do nhácatirão, umas brancas, outras roxas, outras vermelhas, confundidas na mesma arvore e no mesmo broto...

Não podem, pois, ser com justiça acoimados de impropriedade, e de esprimirem uma simples impressão de leitura os versos em que se diz :

*Quando eu naci, raiava
O claro mez das garças forasteiras :
Abril, sorrindo em flor pelos outeiros,
Nadando em luz na oscilação das ondas,
Desenrolava a primavera de ouro...*

(m)

Paj. 154 *Ai, a alma do tupi, bem mal domesticada*
A' macaqueação cabocla do européu...

O Brazil é, nos tempos modernos quando menos, a unica grande rejião em que se realizou por completo a fuzão de tres raças. O povo brasileiro é um resultado inludivel dessa fuzão — em que peze á vejeidade dos que querem que impemos de latinos. Agrade ou desagrada de isso á nossa vaidade, somos mestiços; é como mestiços que nos estamos constituindo uma grande nação; como mestiços cumpriremos os nossos destinos. O autor deste livro é dos que pensam que devemos cultivar com carinho o sentimento das nossas tradições e ambicionar a creação de uma existencia orijinal, como orijinaes são o nosso meio fisico e a nossa individualidade etnica; e não precisamos desviar-nos açodadamente do nosso caminho, para correr sobre os passos dos outros; e conquistar, pela imitação, uma apagada ezistencia artificial e uma incarateristica civilização de mero reflexo,

(DA 3.^a EDIÇÃO)

Mantem-se nesta edição o prefacio escrito para a primeira por Euclides da Cunha, prefacio que o autor deste livro considera indissolavelmente incorporado aos *Poemas e Canções*.

— As poezias *Da carteira de um doudo, á paj.* 113 e *Cantigas praianas* de pajs. 86, 88 e 90, figuram no volume *Versos da mocidade*, editado em 1912 pela Livraria Chardron, do Porto. O seu logar proprio era, porém, não naquella coleção, mas nos *Poemas e Canções*, onde não foram antes incuidas por estarem estraviadas ao

tempo em que appareceram as primeiras edições destes.

— A fls. 41, 47 e 48 deste volume deparam-se tres trechos da *Arte de amar*, poema não concluido, e que o autor não sabe si levará a termo. Provavelmente não; essa obra ficará, de certo, informe e incompleta, como tantas que se projetam, se empreendem, e não chegam a realizar-se. Chegado aos cincoenta e um anos de vida duramente vivida, com pouco tempo e poucas forças póde já o autor deste livro contar para a realização de ambições ou de esperanças. Os versos a que consegue dar a ultima demão custam-lhe, e sempre assim foi, um grande esforço, de que se vai sentindo de dia para dia cada vez menos capaz. Com esse desanimado sentimento incluiu nos *Poemas e Canções* os tres referidos trechos da *Arte de Amar*, unicos, do poema ainda e talvez para sempre informe, que atinjam a fórma definitiva.

— Das numerosas *Notas* que figuravam nas edições anteriores conservaram-se apenas as que pareceram menos desinteressantes. Uma das suprimidas, longamente explicativa da ortografia adotada no livro, tornou-se de todo inutil, desde que o autor abandonou as restrições com que, a principio, adotara a reforma ortografica aventada pela Academia Brasileira, restrições que a referida *Nota* se destinava a espor e defender. O que o autor deste livro pensa hoje no assunto póde ser sintetizado em poucas palavras, e nem o caso merece mais: a ortografia da nossa lingua tende a simplificar-se; tal simplificação dificultada pela força do habito, em uns, e pela timidez de outros, resultará, afinal, de esforços individuais multiplicados progressivamente. O autor procura concorrer para isso com o seu modesto esforço.

— Esta terceira edição, aliás muito reduzida em numero de exemplares, como as circumstancias permitiam, ou aconselhavam, será provavelmente a ultima a que o

autor assista em vida; e não é sem uma certa melancolia que ele aqui se despede, para sempre ao que acredita, dos que até hoje acolheram com tão benevola simpatia os *Poemas e Canções*.

São Paulo, Abril, 1917.

V. de C.

(DA 4.a EDIÇÃO)

O A. enganou-se quando supoz que, com a terceira edição dos *Poemas e Canções*, se despedia para sempre do publico. Essa edição appareceu em Julho de 1917; e seis mezes depois tinha desaparecido das livrarias, esgotada toda em S. Paulo. A actual devia ser de começos de 1918; vem atrasada de quazi dois annos. Desculpe-se o atrazo á conta da vida que o A. leva, absorvido por trabalhos de outra natureza; e ao declinio da idade, em que ele vai decendo, e em que o passo se torna hezitante e tardo.

São Paulo, Novembro, 1919.

(DA 5.a EDIÇÃO)

Tambem esta edição vem atrasada, e pelos mesmos motivos que retardaram o aparecimento da anterior, desapparecida das livrarias ha já algum tempo.

O Autor seria ingrato si não assignalasse com desvanecimento a estima que o publico, com tanta constancia, manifesta pelos *Poemas e Canções*.

São Paulo, Outubro, 1922.

V. de C.

INDICE

	Pag.
ANTES DOS VERSOS	I
VELHO TEMA:	
I <i>Só a leve esperança em toda a vida</i>	3
II <i>Eu cantarei de amor tão fortemente</i>	4
III <i>Belas, airozas, palidas, altivas</i>	5
IV <i>Eu não espero o bem que mais desejo</i>	6
V <i>Alma serena e casta, que eu persigo</i>	7
VI <i>"Lembra!" diz-me o passado. "Eu sou a au- rora"</i>	8
MENINA E MOÇA	10
PEQUENINO MORTO	15
A INVENÇÃO DO DIABO	28
SUJESTÕES DO CREPUSCULO	29
FRAGMENTOS DA "ARTE DE AMAR":	
I <i>Dizer mal das mulheres é costume</i>	41
II <i>Ofendi-te... E, depois, vejo-te humildemente</i>	44
III <i>"Nem mesmo com uma flor"</i>	47
IV <i>Si tua amante é bela</i>	48
FUJINDO AO CATIVEIRO	51
CANTIGAS PRAIANAS :	
I <i>Ouves acazo, quando entardece</i>	77
II <i>E' tão pouco o que desejo</i>	78
III <i>Vai, branca e fujidia</i>	80
IV <i>Maria!... nome tão doce</i>	84
V <i>Eu sou como aquela fonte</i>	86

INDICE

	Pag.
VI <i>Sóbe o sol? a noite déce?</i>	88
VII <i>Tinha momentos amargos</i>	90
- VIII <i>Do que soffro sem queixar-me</i>	93
IX <i>Vida, que és o dia de hoje</i>	94
DE MANHÃ	97
FANTAZIAS DO LUAR	107
DA CARTEIRA DE UM DOUDO	115
FOLHAS SOLTAS :	
I <i>Hontem, hoje, amanhã</i>	127
II <i>Nem só o olhar dos olhos de quem ama</i>	128
III <i>Jesus</i>	129
IV <i>Faz frio. Ha bruma. Agosto vai em meio</i>	130
V <i>Mimi</i>	131
VI <i>Tu, moça; eu, quazi velho</i>	132
VII <i>Tu dizes que é loucura este amor</i>	133
PALAVRAS AO MAR	135
TROVAS	143
CARTAS A W. S.	149
ORAÇÃO PAGÃ	159
A PARTIDA DA MONÇÃO	165
NO MAR LARGO	181
DESLUMBRAMENTO	189
A VOZ DO SINO	193
SONETOS :	
I <i>A um poeta moço</i>	217
— II <i>Não me culpeis a mim de amar-vos tanto</i>	218
III <i>Enganei-me supondo que, de altiva</i>	219
— IV <i>Uma impressão de D. Juan</i>	220
SONHO PÓSTUMO	221
A TERNURA DO MAR	237
OMNIA VANITAS	245
ROZA, ROZA DE AMOR :	
I <i>Olhos verdes</i>	251
II <i>Manhã de sol</i>	253

INDICE

	Pag.
III <i>Horas de amor</i>	256
VI <i>Primeira sombra</i>	260
V <i>A flor e a fonte</i>	263
VI <i>Desiludida</i>	265
VII <i>Saudade</i>	267
VIII <i>Serenata</i>	269
IX <i>O dia seguinte do amor</i>	271
X <i>Ultima confidencia</i>	280
 NOTAS :	
<i>Da primeira edição</i>	285
<i>Da segunda edição</i>	289
<i>Da terceira edição</i>	290
<i>Da quarta edição</i>	292
<i>Da quinta edição</i>	292





BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).